

A ORIGEM DO MUNDO

JORGE EDWARDS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

COSACNAIFY

TRADUÇÃO tradução José Rubens Siqueira

A ORIGEM DO MUNDO

JORGE EDWARDS

Quem está em todo
lugar não está
em nenhum lugar.

SÊNECA

Tudo começou na segunda ou terça-feira da semana passada, na frente do quadro. Começou como uma ocorrência repentina, como uma pergunta. Não passou de uma brincadeira, mas depois da noite da última segunda-feira, depois que encontraram o cadáver, essa brincadeira, da qual não tinha me esquecido, veio a adquirir matizes mais inquietantes, menos leves. Matizes mais escuros, digamos assim.

− Sabe de uma coisa? – perguntei a Silvia em voz baixa, depois de ter olhado o quadro no salão dos Courbet por alguns minutos.

− O quê?

− Parece muito com você.

− Você está louco! – Silvia exclamou, ruborizada como uma colegial, mais irritada do que eu poderia ter previsto, e olhou para os lados, porque sempre, e sobretudo nessa época do ano, em pleno verão, havia turistas espanhóis.

− Mas é a mesma barriguinha – expliquei, envergonhado, rindo, apesar de tudo, e pensando que os espanhóis não entendiam o chilenismo – e as mesmas coxas grossas, bem torneadas e até os mesmos pelos, a mesma…

− Velho sem-vergonha! – Silvia exclamou, ainda irritada. – Fique quieto! – E empreendeu a retirada pelo centro da sala, rumo à porta de saída, por entre os animais de bronze que tinham povoado as salas de jantar de nossas avós, que durante décadas haviam saído, entre empurrões e sussurros, debaixo do martelo dos leiloeiros: cachorros pensativos, javalis em posição de ataque, leões em estado de sonolência.

− Felipe Díaz – insisti, como se não me restasse outra alternativa senão insistir – tem a mania de fotografar suas amantes nuas e em poses obscenas.

− De onde você tirou isso? – ela perguntou, mais tranquila, pelo menos na expressão dos olhos, mas sem que a exasperação inicial tivesse desaparecido.

− O Alfredo me contou, ele é um verdadeiro perito nas histórias do Felipe.

− Sinto falta dele – Silvia murmurou, pensativa. – Há quatro domingos, um mês inteiro, que Felipe não almoça conosco nem dá sinal de vida.

− A gente devia ligar para ele – eu disse.

− Telefonei duas vezes – disse Silvia. – Deixei um recado na secretária eletrônica e ele não se dignou a ligar de volta. Será que aconteceu alguma coisa?

Isso me incomodou, na verdade, embora não houvesse por que me incomodar, só que eu já suspeitava há algum tempo que Silvia podia ter ligado

para ele e não ter me dito nada. Me deixou pensativo. Relacionei o assunto, de um jeito difícil de explicar, de explicar inclusive a mim mesmo, com o quadro. Nessa noite, pedi que ela se colocasse na pose da modelo do quadro, a pose exata, quer dizer, que se deitasse de costas, nua, com as pernas roliças separadas, o rosto coberto pelos lençóis. Inclusive tirei uma reprodução do bolso do pijama, porque tinha me dado ao trabalho de colocá-la no pijama, o que, em termos penais, teria revelado deliberação, premeditação, e examinei-a atentamente. A postura tinha de ser o mais fiel possível!

− Não sei que bicho te mordeu – ela exclamou.

− Por que não podemos aproveitar – repliquei –, agora que já estamos velhos, ou que eu estou velho, melhor dizendo…

− *S'il te plaît!* – concordou ela.

− … um bom estímulo erótico? Pensei também que podia tirar uma foto sua. À la Felipe Díaz…

Ela, que tinha coberto o rosto, soltou um grito sufocado entre os lençóis, indecifrável, com um eco adolescente, de pátio de colégio de freiras.

− Ou você preferia que o próprio Felipe Díaz fizesse a foto…?

− Me deixe dormir, por favor – Silvia suplicou. – Estou cansada demais.

No dia seguinte, ou no outro, Felipe Díaz respondeu às mensagens de Silvia às quatro da tarde, hora da nossa sesta, costume sagrado e que ele sabia de cor. Deixou sua mensagem na secretária eletrônica e quando Silvia ligou de volta, ele havia sumido de novo. Parecia ter resolvido romper o contato conosco, de forma consciente, e confesso que fiquei aborrecido, ofendido. Não falei nada disso a Silvia, para não jogar lenha na fogueira, e porque intuía perfeitamente, fazia muito tempo, sem necessidade do episódio da noite de segunda-feira, que para ela o assunto era mais delicado, mais sensível, mais complexo do que para mim. Muitíssimo mais delicado e mais complexo!

− Pelo menos está vivo – Silvia suspirou e eu disse a mesma coisa, mas com outra entonação: pelo menos está vivo.

Estava vivo, no entanto eu tinha outra intuição, em cima da primeira, e que me provocava um sentimento de perplexidade, e, além da perplexidade, de angústia profunda, como se destruísse todos os meus esquemas, sem a segurança mais elementar: a de que ele não estaria vivo por muito tempo. Intuição acertada, como se veria poucos dias depois. Felipe tinha passado havia pouco dos

cinquenta anos, e deixado para trás, creio que também havia pouco, a metade dos cinquenta. Gente que vive como Felipe se acaba cedo, eu pensava, o que quer dizer que ele já estava vivendo por empréstimo, de *llapa* (como dizíamos em Iquique). Mas talvez eu pensasse assim, reconheço, por deformação profissional. Nós, os médicos, acreditamos que as regras da medicina servem para alguma coisa e que a transgressão a elas é sempre sancionada por algum deus obscuro. Cada vez que nos encontramos com um ser que parece fugir a essas regras, com alguém rebelde aos nossos vaticínios, uma pessoa que bebe como um cossaco, por exemplo, e tem o fígado em perfeito estado, que come gordura e não engorda, fingimos que nos alegramos por ele, por seu vigor, por sua saúde invejável, mas no fundo ficamos irritados, nos sentimos arbitrária e injustamente desmentidos. Nossos razoáveis conselhos, nossos apelos à prudência, com seu tom agourento, adquirem um ar ridículo. Por que amargurar tanto a vida com um monte de bobagens!

Estava, portanto, influenciado por uma deformação profissional e, talvez, também por uma deformação ideológica. Porque durante toda a minha vida, minha vida madura e útil, pelo menos, eu tinha sido escravo de uma configuração extrema de racionalidade, de um sistema global, total e totalizador, de pensamento e de conduta. Achava que tinha me libertado na velhice, mas o monstro dogmático, no momento menos esperado, se manifestava, dava rabanadas dentro da minha pobre cabeça. Pois bem, Felipe reapareceu de repente, emergiu lá do fundo de seu caos pessoal, de seu delírio aparentemente tranquilo, só aparentemente!, e compreendi, nos primeiros segundos, que já era outro. Nos dias em que não tínhamos nos visto, ele havia chegado ao abismo, ao inferno, e estava com um pé do outro lado.

O encontro com Felipe se deu na manhã da sexta-feira passada, semana cheia de sinais, de anúncios da culminação do verão, e da culminação, ainda insuspeitada, de muitas outras coisas, e que havia começado com nossa expedição, à primeira vista inocente, para conhecer o quadro de Gustave Courbet, batizado de um jeito entre pomposo e brincalhão, não sei se pelo próprio artista, de *A origem do mundo,* e que acabava de entrar em exposição, depois de mais de um século de clandestinidade. Isso ocorreu em frente ao Dôme, no vértice do ângulo formado pela Rue Delambre e o Boulevard du Montparnasse, vértice que pertence, como todos sabem, a muitas mitologias, à

mitologia sul-americana, sem dúvida, e a uma ou outra metafísica.

− Como tem passado, Felipe? – perguntei, e pensei de imediato que minha pergunta havia sido indiscreta, brusca demais, porque sua cor, suas olheiras, o gesto quase evasivo, muito pouco seu, contrário a seu caráter, além do evidente tremor das mãos, dos lábios, indicava que ele não estava bem, que dessa vez estava acontecendo alguma coisa séria, talvez muito séria. Até essa manhã, apesar de seus frequentes excessos, Felipe tinha sido o eterno vencedor, o homem que nunca se queixava neste mundo de queixumes, o sujeito mais alheio à depressão que eu tinha conhecido na minha vida, na profissional e na outra, e vê-lo de repente pálido, cabisbaixo, trêmulo, com o olhar fugidio, e isso em plena luz do dia, em todo o resplendor dos primeiros dias de agosto, me pôs em guarda. Posso ter começado a perder a memória, o pulso e até a visão e a audição, para não falar das pernas, que um dia foram famosas nos campos de futebol de Iquique e de Santiago de Nueva Extremadura, mas, nos meus setenta e tantos anos, o que ainda não se perdeu é o meu diagnóstico, o meu não menos famoso diagnóstico.

Ele disse que estava bem, como sempre se responde nesses casos, e depois, com uma mudança de tom inesperada, como se entendesse que não podia me enganar (ou podia me enganar?, pergunta póstuma, e tinha me enganado durante longos anos, *tinham* me enganado?), pegou no meu braço e acrescentou uma coisa. Acrescentou o seguinte.

− O que acontece, Patito (diminutivo muito chileno de Patricio, meu nome), é que chegou a hora de eu encerrar a partida, e estou lendo Sêneca para me consolar, mas a verdade é que não me resigno inteiramente, para que te dizer o contrário?, e não durmo…

− E a dose diária de uísque – perguntei – como vai?

− Um tanto alta – admitiu, com a expressão de uma pessoa que admite ou que constata, com certa tristeza, e que censura a si própria sem muito esforço.

− Um tanto alta!

O gesto dos meus ombros, dos meus braços, indicou que os comentários eram supérfluos. Você sabe tão bem como eu! – meu gesto queria dizer –, e não vou repetir!

Felipe disse, então, com sua voz rouca, aguardentosa, ou uiscosa, para ser mais exato, que pela primeira vez em sua vida tinha se visto em uma situação

que definiu − com uma pitada de ironia, e até com humor, mas admitamos que sem alegria, sem a menor complacência − como dramática.

− Uma cagada dramática! – exclamou da maneira mais chilena deste mundo miserável. – Tive de escolher entre uma mulher e a garrafa, e se quer que eu diga a verdade, a pura verdade, desconfio que fiquei com a garrafa.

− Vai mal! – exclamei.

− E o diagnóstico vai pior, imagino – acrescentou com cara de preocupação.

− Péssimo diagnóstico!

Qualquer que fosse o diagnóstico, nos sentamos no terraço do Dôme e ele tomou seu primeiro Ballantine's desde o meio-dia, com os dois cubos de gelo indispensáveis e com o toque simbólico de água Perrier (nos lembramos de Acario Cotapos, *Cotapós* para os franceses, que pedia uma "Panimavide". "*Une Panimavide, s'il vous plaît!*") e eu uma limonada, ou melhor dizendo, um *citron pressé* clássico. Um dos meus segredos, segredo não muito bem guardado, visto que o divulgo em voz alta, como um missionário, mas raramente compartilhado, é, foi, era?, a ausência de álcool, a água mineral e a limonada. Era, insisto, depois dos acontecimentos dos últimos dias e das últimas horas, e me pergunto se haverá volta àquilo, à limonada com todas as suas circunstâncias, ao que era e deixou de ser.

Acho que conversamos sobre a Bósnia Herzegovina, sobre as imagens brutais que tínhamos de engolir com nossos cafés da manhã, a barbárie, o racismo, que depois de tantas guerras, tantas campanhas contra, tantos discursos e tantas boas intenções encontravam-se em pleno auge, e sobre a incapacidade vergonhosa das Nações Unidas, dos governos europeus, da Casa Branca, de todos eles.

− De todos nós – definiu Felipe, que nessa manhã não estava para concessões, que falava com nervos triturados, com o fígado dolorido e eu, com minha antiga cara de militante, de beato condoído com os males deste mundo, concordei. Ele pediu seu segundo Ballantine's e quando o serviram com uma dose mais generosa que a primeira, dada a sua qualidade de velho cliente assíduo daquele terraço, cliente, por assim dizer, histórico, que conhecia aquele lugar desde os tempos anteriores à restauração, tempos de Giacometti, de Alejo Carpentier e de Negro Ulloa, retomou o assunto.

− O que mais me deixa fodido – disse – é que a minha decadência coincide com a decadência de tudo, das cidades que amamos, das culturas que

admiramos. Quando derrubaram o Muro de Berlim, há tão poucos anos, eu pulava numa perna só, rindo dos fanáticos, dos policiais, dos hipócritas e sem-vergonhas de todo tipo que tinham tornado a nossa vida impossível, e agora, ao contrário, depois daquela euforia momentânea, me sinto derrotado, deprimido. Fodido!

Eu já tinha lhe falado, e mais de uma vez, sobre os efeitos depressivos do álcool. Não ganhava nada sendo teimoso. Mas, pelo visto, sou. Um médico talvez seja teimoso por profissão e até por natureza. Está envolvido, ao fim e ao cabo, em uma luta teimosa: contra o quê? Contra o tempo? Contra a morte? Preferi não dizer nada a ele, para não deprimi-lo mais. Mas quem estava lendo Sêneca era ele, afinal!

− Que idade você tem Felipillo? – perguntei depois de um tempo. – Já fez sessenta?

− Falta pouco – respondeu, olhando por cima dos óculos abaixados, que tinha posto para contemplar o fundo do copo, como se as formações de gelo derretido entre os restos desbotados de uísque servissem para adivinhar o futuro. O futuro se apresentava negro e ele acrescentou que faltava, na verdade, para os fatais sessenta anos, quase nada.

− Questão de minutos! – acrescentou, rindo, tapando a boca com a mão direita, com o pulso agora firme.

− Você ainda é jovem, um moço!, mas já faz tempo, se quer que eu diga, que deixou de ser menino e talvez fosse conveniente começar a tomar consciência do assunto.

− Acho que já comecei – respondeu, com a cara pesada, entrelaçando em cima da mesa as mãos nervosas, nodosas, delicadas, apesar das veias avermelhadas, e olhando de soslaio para mim: − Faz um bom tempo!

− Pois então – adverti em tom de sermão inevitável e ainda por cima atuando como se eu fosse um padre de colégio – isso quer dizer que você não pode continuar vivendo sem rumo. Está na hora de assumir uma posição, rapaz, uma conduta de vida!

− Foi o que me disse uma adivinha nas agitações de maio de 1968, há mais de um quarto de século!

− Você tem de perder peso, oito a dez quilos, pelo menos, eliminar essa barriga vergonhosa, fazer exercício todo dia…

− O que me ensinaram foi que exercício era para bois – disse Felipe, batendo na barriga.

− … e controlar o colesterol, o açúcar, a ureia e o estado geral do fígado, que provavelmente está precário, e fazer um exame de próstata. Quando foi a última vez que você examinou a próstata, se é que alguma vez já fez esse exame? E seguir uma dieta, mas não durante duas ou três semanas, isso não adianta; durante o resto da vida! Só um cálice de vinho no almoço, um no jantar, e acabaram-se para sempre a gordura, os doces, os *patachés*…

− Que horror! – uivou Felipe Díaz, o eterno Felipe Díaz, com voz rouca, teatral, arrancando os cabelos, e chamou o garçom com um gesto espalhafatoso. O garçom era um francês alto, ossudo e magro, mais para jovem.

− Desta vez, *mon cher*, como é sexta-feira, vou passar para o terceiro…

− *Tout de suite, monsieur* – respondeu o garçom e nos transmitiu, inclinando-se e fazendo cara de gozador, uma cabala secreta ou um fragmento de filosofia de bar. Os aperitivos, em sua bem consolidada opinião, e sobretudo se eram bebidas fortes, uísques *on the rocks*, por exemplo, ou martínis muito secos, tinham de ser bebidos em números ímpares: um, três, cinco, sete… Os senhores entendem?

Compreendi que eram elucubrações de bêbados, de bebuns e, nesse caso preciso, de um explorador de extraviados alcoólicos, e me perguntei se não estava perdendo miseravelmente o meu tempo. E mais, cheguei a me perguntar se minha profissão de médico clínico geral e psicólogo não teria sido sempre, em última instância, uma completa perda de tempo, uma vez que os seres humanos eram sombrios, alienados, inajudáveis e irredutíveis. A imagem da mulher nua do quadro, como se fosse mais real, mais vigente que todo o resto, voltou a dançar na minha cabeça e imaginei Felipe, o imaginei então, antes de ter observado as reações descontroladas de Silvia diante de seu cadáver, e imagino-o com mais razão agora, depois daquele episódio, abrindo as pernas dela, colocando-as na mesma posição. Que disparate! Mas ele, sorrindo, parecido com o Felipe Díaz inconsciente e sublime de toda a vida, não o que eu havia encontrado meia hora antes na esquina mitológica, achou que o garçom tinha toda razão, como se fosse, mais que um atendente de bar, um iluminado, um guru. Não tive alternativa senão dar de ombros: dar de ombros irritado, embora ainda sem saber o que me esperava, e olhar os turistas das mesas ao lado.

− Olhe, Patito – disse Felipe Díaz –, o que acontece… – E se não me engana a lembrança da sexta-feira passada, depois de tanta coisa, ele assumiu uma expressão maliciosa, de euforia mesmo, ou talvez de perplexidade, e deixou a frase inicial em suspenso, como para sublinhar a importância do que vinha a seguir. Acomodou-se em sua cadeira, passou os olhos ébrios, vermelhos, empapuçados, pela esquina buliçosa, ponto de encontro de diversas ruas e bulevares, deteve-se, em indulgência, com desdém de velho parisiense, nos turistas de calças curtas e tênis que atravessavam disciplinadamente debaixo dos semáforos com a luz verde e se dispôs a me contar a verdade verdadeira. Como dizemos na minha terra, no Norte Grande e no Sul Profundo: *la firme*!

Embora tivesse o rosto visivelmente deteriorado pelos excessos alcoólicos e de toda ordem, sem excluir as ocasionais cheiradas de cocaína – e, talvez nos últimos tempos, não tão ocasionais assim –, Felipe Díaz ainda conservava sua bela estampa, realçada por alguns detalhes de apuro no vestir. Era uma espécie humana com a qual eu havia me encontrado em uma ou outra ocasião: o intelectual latino-americano que passou pela religião comunista, como era de praxe, mas que vinha do que por lá se chama, e, não seja por isso, por aqui também, de uma “boa família”, e que nunca renunciou nem quis renunciar a seu estilo, suas maneiras, comportamentos, nem sequer, no fundo, à arrogância dos filhos de boas famílias.

Tinha sido casado um dia, em sua remota juventude, com uma chilena da mesma classe social, uma dessas patricinhas de origem latifundiária e que apesar da pretensa elegância, de suas blusas de seda, de seus relógios Cartier, falam como colchaguense. Com a caipira de Colchagua, que pertencia por direito próprio, como me contou uma vez, à família espiritual da Huasa Contenta da mitologia crioula, tinha tido dois filhos, dos quais pouco falava, filhos que davam sinal de vida muito de vez em quando. Em um belo dia conseguiu se divorciar, sabe-se lá como, já que a caipira era recatada e religiosa, para voltar a se casar em Paris com uma francesa que chegamos a conhecer, Silvia e eu, e que era beata de outra igreja na época, e não sei se ainda agora: a muito poderosa Igreja do Partido. Nos últimos vinte e tantos anos tinha ficado sozinho, e conheciam-se algumas de suas sucessivas conquistas femininas, de uma rapidez às vezes fulgurante, não raro extraordinárias pela beleza ou por outros motivos, conquistas que nos assombravam, que nos deixavam, a Silvia, a mim, a nossos

amigos, de boca aberta; que fascinavam Silvia, que a seduziam?, que caíam sobre nossas tertúlias, saturadas de tolices ideológicas, de piadas repetitivas, como meteoritos trazendo notícias e, mais que notícias, resplendores, ecos, reflexos de outros planetas, de planetas tentadores, alheios, vedados a nós. Dizia-se que a censura moral da Comissão de Quadros, exercida com o rigor que todos conhecemos de algum modo, e com seu difuso e venenoso efeito multiplicador, tinha sido a causa principal de seu afastamento do Partido, e que suas críticas cada dia mais explícitas, mais indiscretas, mais reiteradas, suas elaborações intelectuais excessivamente heréticas, sua discordância cada vez mais apaixonada do Bloco Soviético, muito antes da queda do Muro, e inclusive a respeito do castrismo, da Revolução nova, intocável, pura, de acordo com a fraseologia da moda, não eram mais que uma racionalização posterior dessa ruptura, que assumia as formas, ou pelo menos as funções, de uma espécie de pecado original. De minha parte, nunca estive muito seguro dessa explicação de sua saída do Partido. Sempre senti que era uma explicação para consumo interno, que de certo modo tínhamos podido chamar de piedosa. Piedosa para nós, para nossas ilusões! Apesar de sua frivolidade evidente, nunca dissimulada, Felipe Díaz era um devorador de jornais, de livros, de documentos impressos. Tinha uma inteligência penetrante, bem exercitada, uma capacidade de assimilação digna de uma esponja, uma memória de elefante, e me consta que no começo da década de 1960, e mesmo antes, nos anos anteriores ao XX Congresso de PCUS e ao informe secreto de Nikita Kruchev (não se pode evitar, nem mesmo agora, a linguagem de iniciados, o jargão), tinha começado a duvidar de nossa "causa". Era o único de nós que sempre, desde os primeiros anos, mostrou simpatias mais matizadas, salpicadas de observações jocosas, francamente desrespeitosas, por Fidel Castro, a quem costumava mencionar, para nosso escândalo, como "o barbeta", menção acompanhada, quando havia tomado seus primeiros copos, de uma imitação muito cômica da maneira de falar dos cubanos, e desconfio que todas as suas dúvidas culminaram, ou vieram à tona, adquiriram licença de circulação, por assim dizer, com a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia. A partir de então, tive a impressão estranha, inteiramente pessoal, mesclada com sentimentos contraditórios, irritação, exasperação, ciúmes confusos, de que ele afogava os lamentos pela fé política perdida nos braços, ou na vagina, das mulheres; ou que

ambos os extremos – o ceticismo político e “a carne que tenta com seus frescos cachos”, para citar nosso Rubén Darío, que talvez inventasse esses artefatos poéticos debaixo desses mesmos ares, perto do mesmo ângulo metafísico da Rue Delambre e do Boulevard du Montparnasse – reforçavam-se mutuamente. Felipe Díaz, claro está, nunca havia precisado de pretextos nem de conflitos ideológicos maiores para empreender suas aventuras, mas nos dias intensos, entre augurais e terminais da primavera e verão do ano da graça de 1968, entre o maio de Paris e o agosto de Praga, rompeu em definitivo seu casamento com a francesa, sua segunda mulher, que naquela época, anos de ultraesquerdismo, de *gauchismo*, de crítica da esquerda ao estalinismo, era ainda uma estalinista depois de Stálin, uma estalinista por vocação, que, se não tivesse existido essa doutrina, a teria inventado, como muitas outras pessoas que conheço; rompeu, então, com a francesa e mudou de casa antes do fim dos distúrbios, em companhia, se não me engano, de uma exaltada e transitória estudante de arquitetura; livrou-se, em caráter também definitivo e que não podia ser mais paralelo e coerente, das amarras do Partido, e lançou-se numa espécie de donjuanismo desenfreado, uma farra permanente, acompanhada, nos intervalos livres e lúcidos, de panfletos anticomunistas bem escritos (já então tínhamos de admitir isso), de dois romances inesquecíveis no gênero fantástico, gênero que não lhe caía muito bem, filhos bastardos da narrativa de Borges e de Julio Cortázar, e de uma obra de teatro tendenciosa e francamente desastrosa, cuja estreia serviu para que seus ex-amigos comunistas (menos Silvia e eu) afiassem as unhas e até os dentes. Logo vimos que havia se formado uma matilha de dentes à mostra e fizemos questão de tomar sua defesa, Silvia com mais convicção e mais energia do que eu (agora o comprovo, não tenho alternativa senão comprovar), mas a verdade era que Felipe Díaz, com a ideia disparatada, no fundo pretensiosa demais, de que podia escrever uma obra de teatro em um fim de semana, não nos facilitara a tarefa. Assistimos, de bom grado, de nossas poltronas na primeira fila, ao fracasso e à imediata e consequente carnificina, Silvia com visível tristeza, eu com sentimentos mistos, tristeza, mas também revanche, e uma dose de má vontade nada pequena.

Muito bem, para ir ao cerne da questão: o que ele me contou naquela sexta-feira, no final da manhã, no terraço do Dôme, ao som dos cubos de gelo de seu terceiro uísque, foi que tinha recebido a visita de uma mexicana de origem

japonesa, que mistura!, mas o resultado da feliz combinação era digno de se ver, uma perfeita maravilha!, mexicano-japonesa, que tinha conhecido numa recente viagem à Suíça, onde ela morava, perto de Basileia, com um jovem suíço, boa-pinta, bem-educado e apresentável, mas sem graça, sem sal nem açúcar e, ainda por cima, professor de teoria literária.

− E ela?

Ela era filósofa, nada mais, nada menos, formada em filosofia em algum lugar tão improvável como a Universidade de Tabasco ou de Jalapa, com pós-graduação na Carolina do Norte e aspirante a romancista; mulher inteligente, além do mais, e encantadora, dotada de uma cintura de vespa, pele olivácea, perfeita, e os olhos mais insinuantes e os seios mais lindos que ele tinha visto na vida, e não tinha visto poucos, garantiu (sem a menor necessidade de garantir), em matéria de seios e de outras e variadas matérias.

− Qual é o problema então? – perguntei, rindo, porque Felipe Díaz era, não havia como negar, um sem-vergonha simpático, uma espécie de pícaro sentimental, bom amigo por vocação, ainda que talvez traidor por instinto, e eu sempre acabava rindo às gargalhadas de suas aventuras, a ponto de Silvia, que costumava mostrar lá do seu canto, debaixo de sua lâmpada de leitura, uma língua de lixa, dizer que éramos, bem no fundo, uma dupla de veados, que nos distraíamos falando de mulheres mas que o único verdadeiro tesão era o nosso, que nos dominava quando estávamos juntos. Estranha teoria, a de Silvia, que, de repente, quando menos se espera, introduz no clima um elemento frio, duro, uma gota de veneno destilado. Conheço Silvia tão bem e às vezes, mesmo assim, descubro que não a conheço nada, que vivi cerca de trinta anos ao lado de uma perfeita desconhecida.

O problema de Felipe Díaz, desencadeado pela visita da filósofa mexicano-japonesa que talvez tivesse feito melhor se ficasse na Suíça com seu jovem semiótico, seu teórico literário, não deixava de ser grave. A empreendedora filósofa tinha se instalado em Paris na casa de uma amiga brasileira, pintora além do mais e casada com um escultor, no Boulevard Edgar Quinet, ali perto, em frente aos portões do cemitério de Montparnasse, e só chegava a visitar Felipe à tarde. Isso há oito dias. Oito dias de ilusões perdidas, de verdadeiro inferno! Por quê? Por uma razão transcendental. Porque o Casanova, o Don Juan Tenorio dos chilenos e latino-americanos de Paris, o mulherengo desaforado, o sedutor

infalível, capaz de fazer as conquistas mais fulgurantes em duas horas, de conhecer uma mulher à tarde, bebendo um cálice de qualquer cor no Rose Bud, e de partir à noite com ela, num carro esporte provavelmente quebrado, para Sevilha, nada menos que Sevilha, e em homenagem a Georges Bataille e sua *História do olho*, não tivera nem o começo de uma ereção durante as oito tardes, noites ou madrugadas seguidas.

Eu, com um prazer perverso que lutava para não deixar aflorar num largo e maligno sorriso, me limitei a apontar com o indicador o copo de uísque, pensando que meu papel, minha condição de consciência dos duros fatos biológicos e psicológicos, das sombrias verdades da máquina humana, não deixava de ser exercido com uma voluptuosidade secreta, de inquisidor ou de comissário, a dissimulada, repulsiva voluptuosidade de todos os inquisidores e de todos os comissários desta Terra!

− Você já sabe!

Claro que ele sabia! E até o sétimo dia tinha tentado trocar a venenosa garrafa de Ballantine's pela sedutora filósofa, convencido de que preferia a filósofa, mas no oitavo, isto é, na véspera do nosso encontro, depois de sonhar adormecido e até desperto com formas insinuantes: garrafas bojudas, verticais, redondas, de cerâmica, com rótulos verdes e letras douradas, com silhuetas de castelos da Escócia, com fitas vermelhas ou miniaturas emblemáticas, nas alturas de balcões que flutuavam por espaços siderais, reproduzidas por espelhos, entre luzes e sombras, veladas pela fumaça, silenciosas no meio dos gritos, das gargalhadas destemperadas, dos golpes de punhos nas mesas e do despertar junto à cintura de vespa, o púbis delicado e os seios perfeitos, perdido na estranha experiência de estar nu com ela em sua cama tão conhecida, tão frequentada e de falar de Platão, mas não depois de ter feito amor, e sim antes, e em um antes que ia lhe parecendo infinito, chegou à conclusão, depois de tudo isso, e de repente, numa rajada intuitiva, de que preferia, em seu foro interno, no núcleo mais autêntico de si mesmo, "o que você quer que eu faça, Patito, assim é a vida, assim são as coisas!", a garrafa, que era confiável e cúmplice, e que não lhe pedia que prestasse contas de nada.

Eu ri, porque ele parecia confuso, como se sua conclusão tivesse tomado forma apesar dele mesmo, inclusive contra ele mesmo, e implicara uma revisão amarga, um desencanto retrospectivo. Porque ele tinha de admitir, na solenidade

desse dia, dessa hora, de seu segundo Ballantine's *on the rocks*, que a garrafa, com todos os seus demônios, com seus geniozinhos presos, causava-lhe menos ansiedades e perplexidades; que o silêncio dela, sublinhado por sua forma redonda, por sua imobilidade enigmática, podia ser mais interessante que as palavras da mexicano-japonesa ou que qualquer outra coisa e que era, definitivamente, mais propícia à tranquilidade de seu ânimo, para sua distância em relação ao mundo, para sua filosófica resignação, que a própria filósofa.

− Você disse isso a ela?

− Disse. Duvidei, refleti, meditei, e por fim disse a ela. E sabe com que me saiu ela, que até esse oitavo dia havia sido tão prudente, tão delicada, tão discreta, enfiando-se na minha cama e saindo sem a menor queixa, como se não tivesse acontecido nada, ou melhor, para ser mais preciso, como se tivesse acontecido alguma coisa?

Como sua amiga do Boulevard Edgar Quinet se ausentava todo o fim de semana, e como o professor de teoria literária era um caso perdido, e, por outro lado, entre ela e um computador tinha escolhido o computador, ela ficaria com ele, com Felipe, a noite de sexta e de sábado, e na manhã de sábado, já passado o efeito do álcool, propunha que fizessem uma nova tentativa. "Se te interessa", acrescentou, e Felipe, de fato alarmado, teve a impressão de que ela não estava brincando, que estava falando com uma seriedade helvética ou germânica que tinha contraído do professor, seriedade do coração relojoeiro e banqueiro da Europa, mesclada, possivelmente, com o pragmatismo do Japão contemporâneo, "se te interessa, posso trazer lingerie sensual, apetrechos especiais, couro com tachas de aço, o que você quiser, meu amor, já que a ereção, que para mim não passa de um detalhe, te preocupa tanto…"

Voltei a rir de tudo o que ele contava. A cara de angústia de Felipe era um dos melhores espetáculos que pude presenciar nos últimos tempos: todo um poema humorístico e patético.

− Ânimo! – soprei para ele, batendo em suas costas. – E, como dizem meus amigos valencianos, *força en el canut*! Amanhã, no fim de semana, passo aqui de novo e, se você estiver com vontade, desce da sua toca para me contar…

Tinha certeza de que ele me contaria todo o episódio, sem ocultar detalhes que poderiam ser humilhantes, inclusive com um certo gosto masoquista pela autodepreciação, porque sentia, em seu foro mais íntimo, que sua pessoa, sua

incomparável pessoa, estava acima de suas próprias fraquezas e até de suas próprias vilezas. Além disso, me disse que agia com a filósofa já pensando em me contar, armando talvez o começo de uma ou outra frase, rindo por dentro. Porque era um ator decidido e consumado, e a eficácia de sua atuação era infalível. Isso eu constatava, pelo menos, e, tenho de reconhecer, constatava com um pouco de raiva, porque nessa eficácia, eu sentia, havia um não sei quê de excepcional, de abusivo, de injusto com uma pessoa. Por seu lado, a desprevenida filósofa não desconfiaria que, na cena, junto da cama, atrás de uma cortina, haveria um espectador oculto, um terceiro, e um terceiro que não só contemplaria a cena por ela e por Felipe como também por ele e por outra. Assim é, ou assim era, e assim somos. Silvia, eu entendi (e compreendo agora com muito mais razão), conhecia nós dois melhor do que ninguém.

− Olhe o que acontece – eu disse a Silvia, lançando uma sonda cautelosa, tateando o terreno, ao abrir a porta do apartamento e divisar suas pernas cruzadas, as batatas da perna ainda juvenis, os sapatos bonitos – com nosso amigo Felipe.

− O que acontece?

Estava afundada em sua poltrona, exausta, com um pano de limpeza na mão, num desses momentos da jornada em que era capaz de sentir saudades, para minha inquietude, das comodidades da vida em Iquique. Silvia tinha o costume de rir das coisas de Felipe, de falar mal dele, mas quando ele chegava a um lugar ela se animava, se alegrava, mudava de comportamento de forma visível. Os outros talvez não percebessem, mas eu via muito bem, mais que bem, e me parecia que a prova era perturbadora, escandalosa. Silvia!, eu exclamava por dentro, e observava com o rabo dos olhos, mal dissimulando, com emoções que um bom leitor teria podido ler na minha cara, o entusiasmo com que ela beijava o rosto dele ao cumprimentá-lo, repetidas vezes, terminando por beijá-lo perto da boca. Perto demais, entusiasmo demais, repisava eu, mas não dizia uma única palavra e pronto, porque eu sou, ou era, naquele tempo, uma pessoa de excelente saúde (tenho medo de que a saúde esteja se transformando para mim em enfermidade), pensava em qualquer outra coisa.

Nas obras autobiográficas de Stendhal, os chamados “escritos íntimos”, há um personagem que aparece de forma recorrente, um amigo que o narrador observa sempre com curiosidade, se divertindo com suas esquisitices, com suas genialidades e, sobretudo, com suas façanhas eróticas, e de quem destaca, com insistência, em passagens muito separadas umas das outras, o que revela quase uma obsessão, o seguinte traço: ele necessita fazer amor com uma mulher diferente a cada noite. Uma vez tendo possuído essa mulher, o corpo dela passa a ser para ele, para o personagem em questão, tão indiferente como o corpo de um homem. Assim diz o personagem de Stendhal em alguma página de que já não me lembro com exatidão, uma vez que cito de memória. Pois bem, na qualidade de stendhaliano de longa data (cheguei a defender a tese extravagante, em meus juvenis quarenta e tantos anos, num artigo arrevesado, pretensioso, publicado na revista *Aurora*, que o autor de *A cartuxa de Parma* era um precursor do marxismo), muitas vezes desconfiei que esse personagem, que aparece pelos cantos de diversos textos, nos capítulos sobre Paris, sobre a Rue de Grenelle ou o Faubourg Saint-Germain, de *Henri Brulard*, nos episódios londrinos de *Lembranças de egotismo*, em páginas de diário e de correspondência, é o próprio Stendhal que retratava a si mesmo com uma mescla de narcisismo e de desânimo, com essa ambiguidade esquiva, enganosa, até certo ponto complacente, que é inerente a todo autorretrato literário, e desconfio também que a encarnação atual desse personagem, pelo menos para mim, dentro do meu mundinho, era, ou é, quem mais poderia ser?, Felipe Díaz. Eu já desconfiava disso havia muito tempo, e então, depois dos acontecimentos das duas últimas semanas, minhas desconfianças tendem a se confirmar. Eu disse isso, além do mais, em alguma oportunidade, em alguma relação desigual do uísque contra a limonada, e ele aproveitou para desenterrar uma história de rabo de saia que eu não conhecia. Eu sabia de muitas histórias dele, claro, mas às vezes tinha a impressão paranoica de que ele me enganava com a verdade, fingindo que me contava tudo, que não seria capaz de me esconder nada, e assim aquilo que me ocultava ficava muito mais oculto. Paranoia? Vá saber! O caso é que ele me contou, quando falei de seu precursor stendhaliano, a história de uma moça de Montparnasse, Mélanie Sylvestre, mulher bonita, oriunda do sul da França, mais para robusta, de pele grossa e morena, um tanto viciosa, amiga em sua primeira juventude de Giacometti e de outros artistas, e que tinha ido para cama uma

noite qualquer com um aristocrata conhecido, dono, por sinal, de um pequeno vinhedo nos arredores de Dijon, vinhedo cravado na área ilustre e vinhateira da Borgonha. Com sua visão libertina, Mélanie havia percebido de imediato que o marquês de não me lembro o quê, produtor de vinhos, pertencia à espécie humana descrita por Stendhal, e a partir dessa proveitosa descoberta ela passou a ganhar a vida arrumando para ele não mulheres profissionais, mas simples amadoras para suas diversões noturnas. Felipe me contou, tapando a boca com a mão, porque encantava-se com os falsos mistérios, o sem-vergonha!, que ele também tinha feito amor com a famosa Mélanie, e que tinha tido ocasião de degustar duas garrafas barrigudas, borgonhesas, de Monsieur le Marquis.

− Quantas vezes? – perguntei, no estilo dos inquisitivos e suarentos confessores de nossa adolescência, e ele, dando de ombros, respondeu:

− Duas noites. Duas noites muito separadas entre si. De maneira que sua teoria da única noite, ou da trepada única, foi posta abaixo, pelo menos no meu caso.

Tinha me contado essa história fazia bastante tempo e enquanto eu o esperava no sábado de manhã no terraço do Dôme, por uma óbvia associação de ideias, ela me voltara à memória. Felipe chegou bem no fim da manhã, animado, com uma camisa de um azul intenso e terno de linho cor de creme, essas combinações dos sul-americanos que aprenderam a se vestir com astúcia e vaidade desde meninos, coisa não frequente, claro, entre os intelectuais de esquerda que chegavam a Paris com a língua de fora, em busca da fama internacional (no começo da década de 1960), ou perseguidos pelo ditador em exercício, ou ambas as coisas. Estava um pouco pálido, recém-barbeado e até perfumado, com o olhar fixo, ausente, e trazia debaixo do braço um grosso maço de jornais: *Libération*, *Le Figaro*, o *International Herald Tribune*, *El País*, o *Le Monde* da tarde anterior, e acredito que mais algum outro.

− Agora – disse com um ar resignado que dispensava maiores confissões e que me obrigou, por causa de seu aspecto patético, de sua ingenuidade, a dissimular o riso – vou me dedicar a ouvir os estudos para piano de Serguei Rachmaninoff, de quem gosto muito (concluí isso há pouco tempo), mesmo que eles não correspondam ao gosto consagrado no ambientezinho das formadas em filosofia…

− Então você se deu mal com as filósofas?

Ele fez um gesto no ar, indicando, como Hamlet a seu amigo, que havia coisas neste mundo e no outro que minha filosofia, já que falamos de filosofia, não conseguia alcançar.

− … a ler epístolas de Sêneca; a reler Marcel Proust e Dostoiévski; a dar uma espiada na obra de Pérez Galdós…

− Pérez Galdós!

− Sempre ficou para depois. E vou acompanhar a imprensa diária – acrescentou, suspirando – com um pouco mais de calma e atenção que antes.

− E como ela reagiu? – me permiti perguntar.

− Ela?

Acontece que ela, a filósofa, tivera, segundo Felipe, uma reação inesperada, estranha, "estranhíssima", corrigiu ele, que o encheu de perplexidade, de preocupação, do mais autêntico receio. Havia lhe dito ao meio-dia, quer dizer, muito pouco antes, depois de levantar, entrar na cozinha dele e preparar, com o quase nada que havia, abrindo caminho às cegas em meio à desordem e à mais inaudita confusão, sem perguntar onde se achava a cafeteira, as xícaras, o açucareiro, *et cetera* (detalhe que lhe parecera de uma notável e, por isso mesmo, alarmante sutileza, de pessoa que o conhecesse a vida toda e que soubesse, com sabedoria de gueixa!, satisfazer seus mínimos caprichos), um rico café da manhã, com torradas perfeitas, untadas com um resto de manteiga e realçadas com um toque de geleia de tangerina que ele havia esquecido que existia em seu armário, havia lhe dito então, ao final daquela habilidosa e meticulosa preparação, o seguinte:

− Não se preocupe com nada, absolutamente nada. Pelo que aconteceu esta noite, ou qualquer outra noite passada ou futura. Fique tranquilo. Se já escolheu a garrafa, porque parece que você escolheu, não há nenhuma razão para se livrar de mim. Eu me ponho dentro da sua garrafa, se não te incomodar, e acabou-se a história. Porque com você, mesmo que só faça amor uma vez por ano, ou nunca!, me sinto mil vezes mais contente, mais feliz, do que com o professor suíço, que quer fazer toda noite e toda manhã, e que depois de fazer amor afunda a cabeça no computador, nos cadernos, fichas, dicionários e não levanta mais o dia inteiro. Entende? Eu olho seu rosto bonito mas cansado, estragado, as maçãs do rosto meio machucadas, como se você tivesse estado em um ringue de boxe durante os últimos vinte anos, seus pés de galinha, com seus olhinhos que sorriem, e que

olham para mim e me perfuram e me fazem tilintar por dentro e me sinto alegre. Não preciso de mais nada! Juro pelo meu pai e pela minha mãe, por Platão e Aristóteles! Vou me botar dentro da sua garrafa e enquanto você se afoga em uísque eu vou me enrolar com toda a tranquilidade, vou me transformar num casulo, numa larva, como as larvas do mescal na minha terra e vou escrever romances, contos, ensaios, obras de teatro…

− Ela me disse isso! – exclamou Felipe, dando um tapa na testa. – A mexicano-japonesa, especialista em Leibniz, na teoria das mônadas! Está entendendo, Patito? E depois, convencida, claro, de que se encontrava no melhor dos mundos possíveis, levantou os braços, soltou um sim! de alegria, de vitória, parecido com o dos kamikazes no momento de subir para os aviões suicidas e com um salto sentou no meu colo, me abraçou com os braços finos mas bem torneados, e cheios de músculos de aço, até quase me sufocar, até me deixar sem fôlego. Que braços, que abraço, que medo! Me vi domesticado pela filósofa, que nem tinha se dado ao trabalho de me pedir licença, e minha primeira reação foi de recusa decidida, inclusive de raiva, mas ela, como já te contei, tem um perfume natural absolutamente único nesta terra traidora, e uma pele de uma beleza irresistível, uma pele andaluza com um distante ingrediente asiático, e os peitinhos são, garanto, os mais perfeitos que já vi nos últimos vinte anos, nos últimos trinta… Os peitinhos eram como duas maçãzinhas! – recitou, numa viagem repentina, no paroxismo do delírio.

− Você não tem jeito, Felipe Díaz – eu disse, pensando com rancor, com um incômodo que eu não conseguia evitar, em outros peitos incomparáveis, ou que haviam sido até muito pouco tempo atrás, e que ele, com certeza, também tinha tocado e mordiscado.

− Isso é verdade – admitiu com os olhos baixos, com ar penitente. – Não tenho jeito.

− E a sua decisão de se dedicar a ouvir os estudos tardios de Rachmaninoff?, que ideia mais louca!, e ler as epístolas completas de Lucio Aneo Sêneca?, ideia muito mais razoável, pelo menos para o meu gosto.

− Os *Études Tableaux* opus 33 e opus 39 – detalhou – que não se pode qualificar de tardios, embora tenham sido conhecidos tardiamente e sejam do gosto de pessoas como eu, nas últimas!, porque foram começados, na verdade, em 1911, quando o compositor tinha 48 anos, na segunda e melhor das

juventudes.

Muito bem, ele dizia o que tinha dito para retificar, porque era um escritor, ao fim e ao cabo, e um homem que respeitava os detalhes, sobretudo os detalhes estéticos, mas disse também, para responder minha pergunta, uma coisa mais, uma coisa que me pareceu entre divertida e inverossímil, e que compreendia uma concessão, inclusive um abrandamento. Disse que seus planos de leitura, de música, de retiro, continuavam de pé, adotados, plenamente vigentes, mas com uma ressalva: a mexicano-japonesa, depois de liquidar com rapidez suas coisas na Suíça, ia se instalar em seu apartamento da Rue Campagne Première, e cuidaria de seu sono, selecionaria os telefonemas, e nunca jamais se ofenderia com qualquer (eventual) excesso alcoólico dele, e lhe prepararia, em troca, substanciosos cafés da manhã, almoços mais frugais, dietéticos, embora saborosos, e à noite jantariam nos bistrôs do bairro ou explorariam outras fórmulas, outros bairros, outras alternativas, e veriam filmes, iriam uma vez por semana ao teatro, à opera, a concertos.

− Foram felizes – eu disse – e comeram perdizes. – E o disse sem ironia, com a honesta intenção de animá-lo, e, no fundo, com a ideia de que o Felipe Díaz temível, infalível, podia ter se acabado para sempre, mas a verdade é que eu ainda não acreditava, não me permitia acreditar em uma só palavra. Olhava de relance sua expressão, suas mãos um pouco trêmulas (tinha pedido um chá com limão, um *thé citron*, em vez de uma bebida alcoólica), seus olhos que piscavam e se deslocavam de uma cena da rua para outra, e me dizia que essa decisão que parecia ter tomado era provavelmente falsa, que o homem não estava resignado, que não podia estar, que tinha um demônio interior que sempre o impediria de se resignar. Talvez, naquele instante mesmo, em alguma dobra geológica de sua psique, estivesse em preparação um desses terremotos de grau nove tão característicos dele. Talvez por dentro estivesse pensando: vou encontrar uma vendedora gorda, fedida, cinquentona, de lábios pintados, de expressão obscena, vou levar ela para casa e vou comer ela como nos meus melhores tempos, para seu assombro e seu prazer, e depois vou mandar ela embora com maneiras de príncipe, com uma reverência e até um presente, e nunca mais vejo a mulher na porra da minha vida. E essa pequena façanha talvez me dê confiança para outras, para muitas outras. Por que não?

Algo assim ele devia estar pensando, um dos seus disparates, e desconfio que

logo pôs mãos à obra, porque a filósofa tinha ido para a casa de sua amiga na Edgar Quinet, na frente do cemitério onde está Charles Baudelaire e também Porfirio Díaz, conterrâneo dela e, além disso, vizinho, como eu havia descoberto em algum dos meus passeios, da tumba de Baudelaire e das meditações crepusculares de August Strindberg; e ela viajaria no dia seguinte para Basileia, disposta a romper para sempre com o jovem perito em narratologia e outras ervas, e a regressar a Paris para transformar a vida dele, para transformá-lo num velho assimilado à ordem, apaziguado, resignado, vale dizer, um velho qualquer, um velho de merda, e ele, que não queria mais ficar revirando o tema, que estava com o terreno livre e a tarde aberta, se pôs de pé, com o gesto, calculei, recordei, dos grandes momentos, o gesto da fera que sente o cheiro de carne na brisa da selva, que vislumbra o brilho de sua caça fresca, e se despediu com um monossílabo. Vi-o atravessar a rua na direção do Boulevard Raspail, à caça, rumo aos Grandes Armazéns, os *Grands Magasins!*, e reconheço que o animal caminhava com graça, com inconfundível elegância, apesar de se notar os cinquenta e tantos anos, e de ter um jeito de usar a roupa, a camisa aberta e um lenço de seda no pescoço, de usar um chapeuzinho leve e amassado, comprado em um dos cantos da Piazza Navona, em Roma, que eu, mesmo que treinasse cem anos, não conseguiria imitar.

Não voltei a saber nem uma palavra dele nesses dois dias, um fim de semana que parecia interminável, de tão quente. Liguei no sábado à tarde e depois no meio da manhã de domingo para que viesse almoçar conosco, de improviso, segundo nosso antigo costume, costume que tinha para mim, admito, um lado de euforia e outro de masoquismo; e sabia, além disso, que, se ele viesse, Silvia saberia tornar o improviso algo generoso, mas seu telefone não respondia, o que me fez supor que a sessão de caça no sábado à tarde – empreendida com uma mescla de furor e de vontade obcecada, e sob os efeitos da mais aguda ressaca, visto que estava com os nervos em mau estado, os “macaquinhos” como se dizia nos meus tempos de Iquique, e numa tal situação que havia se limitado a tomar um chá que deve ter tido para ele gosto de castigo, de amargura – tinha desembocado em alguma coisa, no holocausto de alguém, talvez no dele mesmo… O silêncio do telefone me revelava, ou pelo menos insinuava, que nosso amigo, em sua encruzilhada, em sua confusão, tinha feito um esforço supremo para reverter a ordem natural dos fenômenos, para voltar da garrafa à

mulher, e que a garrafa triunfara definitivamente, sem apelação possível, como qualquer de seus amigos poderia prever, mas ocorria que Sua Majestade a Garrafa era sua evasão, seu refúgio, e ao mesmo tempo sua destruição, seu suicídio… De modo que as coisas podiam ser formuladas de outra maneira. Podia se supor que Felipe Díaz, ao fim de sua longa exploração, de sua peregrinação por labirintos cada vez mais estreitos e mais emaranhados, tinha perdido o rumo e se extraviado, tinha se encontrado perdido, na intempérie, fora dos recintos cálidos onde nunca havia faltado até então uma voz feminina que arrulhasse para ele, uma mão que o abrigasse. Acontecera agora o que nunca, em sua inconsciência e inocência, tinha esperado que acontecesse, e que era, porém, tão previsível como a própria morte: o Reino da Mulher, o Eterno Feminino, tinha acabado por abandoná-lo, por deixá-lo jogado na sarjeta, apesar de a filósofa, que havia descoberto em si mesma uma alma ao mesmo tempo de gueixa e de dona de casa *jalapeña*, estar decidida a cuidar dele, a botar-se dentro de sua garrafa, como tinha dito; mas a filósofa, ao assumir esse papel, já não seria o que ele procurava, o que ele tinha passado a vida toda procurando, e encontrando, pensei, engolindo a saliva, lembrando-me da mulher do quadro, de suas pernas abertas, dos pelos brotando escuros do púbis e do buraco negro de sua vagina: um fantasma erótico, um mistério adorável e gozoso, um sonho tocado com a ponta dos dedos e nunca alcançado. Seria, ao contrário, uma presença perturbadora, destruidora de seu ritmo próprio: um estorvo cotidiano. Tão indiferente – havia explicado, com suposta ingenuidade, Monsieur de Stendhal – como o corpo de um homem. Porque Felipe era, eu já disse, e estou convencido disso, o personagem recorrente dos escritos íntimos, o personagem stendhaliano que desconfio ter sido o próprio Stendhal, aquele que precisava de uma pele, de uns peitos, de um tom de voz, e até de um nome e de uma história pessoal diferentes a cada noite. De modo que a filósofa, ao regressar, anularia a si mesma, como ele se anulava ao ficar abraçado à garrafa, e se podia concluir, em outro estágio da reflexão, que Felipe, além disso, que havia se proposto, no fim das contas, a ser escritor, tinha mudado definitivamente a escritura, e não pela mulher ou pela garrafa, questões triviais?, mas sim por aquilo que os ingleses chamam de *day dreaming*, o sonhar acordado. Em lugar de se traduzir em obras ou em amores, sua vida tinha se dissolvido no nada, no sonho que era o nada. Seu único legado seria um punhado de imagens: uma figura um tanto

cansada que atravessava o Boulevard du Montparnasse, com uma elegância vinda de lugares remotos no tempo e no espaço, da Grange School de Santiago do Chile, do bar El Capulín de Providencia, do Club de Polo San Cristóbal, elegância que tinha sido deslocada, castigada pelos anos de militância no Partido, e depois por Paris, pela vida intelectual, pela virulenta novidade do anticomunismo, por tantas coisas; deslocada, eu disse, e até castigada, malvista, mas não, nunca, eliminada, e bastava lembrar, para compreender a complexidade de toda a questão, a graça do chapeuzinho claro amassado enquanto atravessava a rua, sozinho, excêntrico, alheio, entre turistas de calças curtas, ruminando alguma coisa, uma aventura louca, uma vingança?, e se era por isso, que vingança, de quem, de quais supostas ofensas?

Na tarde do domingo, enquanto líamos sob nossos respectivos abajures, com as janelas abertas de par em par, torrando de calor, Silvia, em determinado momento, deixou o livro em cima da saia, de suas coxas bonitas, as memórias recentemente publicadas na Espanha de Alfredo Bryce Echenique, escritor que havia sido apresentado a mim em um bar de Montparnasse justo por Felipe Díaz, e suspirou.

− O que andará fazendo esse louco do Felipe? – perguntou em voz alta.

Eu, que, fiel à minha obsessão de sempre, à minha condenação, lia um trabalho sobre os arquivos secretos da KGB, disse, e o disse com uma carga emocional que surpreendeu a mim mesmo, como se ela estivesse se acumulando em mim durante a leitura, ou antes da leitura, vá saber:

− O que poderia fazer o Felipe, Silvita, o que poderia fazer?! Eu acho, francamente, que você está apaixonada por ele!

− Eu? Quem está apaixonado por ele é você. Já te disse isso várias vezes!

Balancei a cabeça. Não havia mais resposta, nem mais remédio. E pensei que o silêncio daquele telefone, apesar de tudo, era um tanto inquietante. Porém o que adiantava eu me inquietar, afinal de contas? Com as últimas aventurazinhas de nosso desaforado e, em última análise, imprevisível, não confiável, desesperado, perigoso amigo?

O imprevisível, desesperado, perigoso, confirmou-se muito mais cedo que se esperava. Teve, para espanto do doutor, a mais extrema das confirmações. Porque ele foi o primeiro a encontrar Felipe Díaz, na segunda-feira à noite, e a diagnosticar a morte do amigo sem a menor dúvida, a quatro metros de distância, antes de atravessar a porta do quarto, quando o seu próprio coração, mais velho, porém vivo, ainda palpitava com força. Quem o chamou ao anoitecer foi Alfredo Arias, um espanhol das Canárias, amigo de ambos e companheiro ocasional de Felipe em trabalhos jornalísticos. Alfredo estranhou muito Felipe não ter comparecido à tarde para um compromisso profissional na Rádio Francesa, e Felipe era, apesar de tudo, apesar do alcoolismo, dos romances, dos caprichos, uma dessas pessoas que nunca faltam, ou que nunca faltam sem avisar a tempo, outro traço que o diferenciava de seus colegas intelectuais ou pseudointelectuais da América Latina. Na qualidade de vizinho, amigo e conterrâneo, o doutor Illanes, Patricio Illanes, há muitos anos possuía a cópia das chaves do apartamento de Felipe. Abriu uma gaveta que não abria nunca, encontrou as chaves no lugar de sempre, no fundo, atrás de outros molhos mais ou menos enferrujados, e foi ver o que acontecia. Para Silvia, sua mulher, que tinha se fechado no quarto para assistir a um filme, disse vagamente que daria um pulo na casa de Felipe Díaz e voltaria logo. Depois de digitar o código 13A4 na porta da Rue Campagne Première, e antes de colocar a chave na fechadura do segundo andar à esquerda do elevador, não sem ter batido algumas vezes e tocado a campainha, teve uma rápida, fulminante intuição. Felipe não concebia a ideia de viver retirado, como em quartéis de inverno, e menos ainda aos cuidados de sua amiga mexicano-japonesa, filósofa que tinha demonstrado, em seu empenho de instalar-se no apartamento dele na Campagne Première e acompanhá-lo em sua velhice, um coração de ouro, sem dúvida, mas pouca filosofia. Tinha saído à caça, Felipe, naquele sábado (estavam agora na segunda-feira à noite), e teria seduzido, com efeito, supôs o doutor, alguma vendedora do Bon Marché; talvez não uma gorda cinquentona, obscena, pintada, como havia imaginado de início, mas sim uma jovenzinha alta, musculosa, não de todo feia, como imaginava agora, e que teria, por exemplo, chegado havia pouco de Barcelona, onde fora residir alguns meses para aprender espanhol (primeiro motivo de conversa: escolheu mal o local, a Barcelona se podia ir para aprender catalão, *el català, neneta, xiqueta!*) e que, de imediato, ao fim de breves tentativas, de algumas

brincadeiras, de uns elogios em bom castelhano, tinha se mostrado encantada de praticar o idioma com um *señor* interessante e que vinha de terras parecidas, e inclusive mais distantes, muito mais exóticas. *C'est où, le Chili?*, teria perguntado a francesinha a ele, supôs o doutor, e Felipe teria dito que ia responder em detalhes. O doutor balançou a cabeça, entre divertido e confuso, impressionado. Por trás da serenidade brincalhona de seu amigo Felipe Díaz, havia se aberto um abismo. Sêneca tinha ficado onde? As coisas teriam terminado, imaginou o doutor, tarde demais, com Felipe Díaz bêbado, muito bêbado, vomitando no tapete mísero, fino e desfiado, de uma *chambre de bonne* no bairro de Clichy, vomitando a alma, como se dizia em Iquique e Santiago, e pensando que ia morrer de um minuto para o outro, que seu tempo na face da Terra havia terminado, que os prazos haviam se cumprido (pensava havia três ou quatro dias, desde a reiteração de seus fracassos sexuais com a filósofa, e ninguém, como ficou demonstrado, poderia tirar isso de sua cabeça), enquanto a francesinha recém-chegada da Catalunha, aprendiz de vendedora e *hispanohablante*, transformada em Fúria, em Górgona, nua, com os pelos púbicos crespos, o insultava, o insultaria com os recursos mais obscenos de sua língua, batia na cabeça de todos que conseguia com o salto do sapato, diria que fosse à merda, à puta merda de onde tinha saído, o velho imundo, impotente, miserável!

− A partir disso – murmurou o doutor – ou de alguma coisa muito parecida, porque só pode ter sido uma coisa muito parecida, podemos imaginar e compreender tudo. Eu, pelo menos, compreendo perfeitamente a reação de Felipe. Nunca teria me colocado numa situação assim, não tenho o temperamento adequado e não tenho também, acho, culhões, mas na hipótese de que tivesse chegado a uma circunstância dessas, a esses extremos, era provável que eu reagisse do mesmo jeito.

− A reação final, você quer dizer?

− A reação final!

− Se estivesse em suas mãos, o senhor o ajudaria a morrer…? Só para eu saber – acrescentou Alfredo Arias, que tinha aparecido na Campagne Première quarenta e cinco minutos depois. – Nunca é demais saber.

− Tentei ajudar Felipe a viver muitas vezes, mas ele nunca me deu a menor bola – disse o doutor. – Em vez disso, demonstrou que na arte de morrer não

precisava de lição de ninguém. Não viu a preparação, o cuidado, a limpeza…? O estilo?

− Como você pode falar assim?! – Silvia exclamou, e o doutor mordeu o freio.

Felipe Díaz, ele supunha, chegara a sua casa imundo, com restos de vômito na roupa, desgrenhado, pálido como um morto, com barba de trinta horas, passo incerto, olhos vidrados, convencido de que sua vida, ou a forma em que consistira sua vida até então, tinha terminado. Via a decisão da filósofa como uma brincadeira de gosto detestável. Além disso, no momento que em punha com mão trêmula a chave na fechadura de seu apartamento, a filósofa, habitante do melhor dos mundos possíveis, a mexicano-japonesa de cintura de vespa e seios como maçãzinhas, já tinha se transformado em pura irrealidade, em enteléquia, em fumaça. Teria existido algum dia, cabia perguntar, a filósofa mexicano-japonesa?

Entrou no quarto predileto de seus últimos vinte anos, abriu a janela de par em par, deixando que o ar quente circulasse intensamente, Paris, nesse ato final, havia se transformado em uma cidade tropical, do Caribe ou da península da Indochina, serviu-se de um Johnny Walker *black label* bem reforçado, dizendo a si mesmo que tomar cuidado com aquilo e cuidar de si já não fazia sentido, e sentou-se em sua poltrona de leitura e de sesta, a grande poltrona de seus anos maduros. Depois de algum tempo, pôs-se (deve ter se posto, pensou o doutor) de pé, abriu uma gaveta trancada à chave, a de fotografias de suas mulheres, a de seus maiores segredos (o doutor encontrou a gaveta aberta, com a chave na fechadura e o chaveiro pendurado, e teve o cuidado de cerrá-la e de colocar o chaveiro na cômoda, seu lugar costumeiro), tirou um envelope, mas dessa vez não estava cheio de cartões-postais ou de retratos femininos, e colocou o pó de cocaína em cima de uma estante de madeira escura, na frente de sua coleção da biblioteca da Pléiade, que não estava completa, mas que de todo modo ocupava três fileiras inteiras. Poderíamos supor que dedicou alguns minutos a recolher as fotografias, mas disso não se pode ter certeza. O capítulo das mulheres, junto com as ameaças de felicidade doméstica por um lado e, por outro, de vômitos em um tapete, sapatadas na cabeça, teria sido, supomos, supunha o doutor, e o supunha sem amenidades, sem alívio, bruscamente cancelado. Em vez disso, olhou, extasiado, o contraste do pó alvo com a madeira escura e com as capas

brancas das obras de Spinoza, de Pascal, de Montaigne, de três volumes da correspondência de Stendhal. Parecia-lhe que o branco frio, o marrom muito escuro e o branco-marfim, convexo, das lombadas alinhadas, formavam uma graduação simplesmente perfeita, de natureza divina, sensação demencial que o levou, que o teria levado, a se perguntar se não teria ficado louco. Teria se afastado da estante sem tocar a cocaína, que só havia colocado ali (acreditava o doutor) para o caso de se fazer necessária em algum dos passos seguintes (e porque já não era preciso cuidar nem medir nada, liberdade esplêndida, só que duraria muito pouco). Bebeu, teria bebido, a metade de seu uísque, que muito provavelmente lhe pareceu, pensou o doutor, a essa altura decisiva de sua vida, e só a essa altura, insípido, e caiu em sono profundo. Despertaria uma hora depois, e o copo estaria caído no chão (como o encontrou o doutor), com os cubos de gelo transformados em pequenas poças d'água sobre as tábuas irregulares, mal enceradas. Foi buscar então, supôs, um copo grande, que nunca usava porque preferia os copos baixos, de vidro grosso e pesado, de fundo sólido (sibaritismo de ex-aluno da Grange School, de filho do Barrio Alto de Santiago, que nunca deixava de assombrar, de fascinar, inclusive a seu amigo o médico de Iquique, o doutor Patricio Illanes, que não podia senão refletir sobre a diferença entre o copo caído e o outro, o grande, ainda cheio até a metade), e encheu-o, o teria enchido, de *black label* até a borda, acrescentando dois cubos de gelo e um dedo de água Perrier (abriu uma garrafa nova de Perrier para que o gás estivesse com toda a força e porque também, claro, era necessário se atentar à água. Isso foi ao menos o que o doutor deduziu ao ver as duas garrafas grandes, de quase um litro, abertas e quase inteiras). Em seguida, com determinação, com tranquilidade, com algo, não havia dúvida!, de sua clássica lentidão, com uma última demonstração de sua elegância de movimentos para uma galeria invisível, da sedução infalível de seu sorriso, foi ao banheiro e pegou no armarinho o frasco de comprimidos fortes para dormir, receitados pelo próprio doutor em meio a reiteradas e severas advertências ("Olhe que uma superdose desses comprimidinhos te manda para o outro mundo na mesma hora").

Talvez tenha dito a si mesmo, pensou o doutor, nesse momento decisivo, observando o frasco de comprimidos, observando-o e observando-se, que era o exemplo perfeito do intelectual fracassado. Alguma vez, em alguma sobremesa de domingo, num daqueles arrebatamentos confessionais que tanto irritavam

Silvia, tinha se posto a brandir, com perfeita crueldade, sem a menor concessão, o tema, enriquecido com uma engenhosa dissertação sobre as diferenças estéticas e sociais, entre o intelectual fracassado e o intelectual barato. O doutor Illanes, bem instalado num conjunto global de convicções, sempre suspeitara que Felipe sentia a tentação irresistível do fracasso, do fim.

"Fracassado, sim", teria repetido Felipe em voz alta, falando sozinho, com o humor negro de suas horas mais turvas, dirigindo-se, talvez, a algumas pombas que voavam junto às grades de sua pequena sacada: "Barato, nunca!" e terá dado uma gargalhada estrepitosa, cavernosa, capaz de espantar, pensou o doutor, sorrindo, maligno, as supracitadas pombas. Depois teria engolido os três primeiros comprimidos com a ajuda de um só gole de uísque e deixado cair, em seguida, na concha sem dúvida trêmula de sua mão esquerda, debilitada pela ressaca e pelo medo, dando ao frasco sacudidas bruscas, ásperas, com a mão direita, não menos debilitada, mais sete ou oito comprimidos. Teria calculado, suspeitava o doutor, que não havia nenhuma necessidade, em nenhuma etapa do processo, de recorrer à cocaína, que teria introduzido um elemento dissociador, alheio à combinação mais clássica do uísque e dos comprimidos, de consequências não tão previsíveis. O gesto de esticar a carreira de pó branco na estante, junto a Baruch Spinoza, a Michel de Montaigne, a Monsieur de Stendhal, junto a todos eles, não passara, nesse caso, de um signo estético, além de sugerir, no mínimo, uma mensagem decadente, uma saudação à farra, a Montparnasse, à noite, com um eco distante, intuiu o doutor, do tango de Carlos Gardel e do verso de Rubén Darío.

Assim havia imaginado as coisas o doutor Patricio Illanes, e assim, com essa estrita coerência, como seguidor aplicado que era de Maigret, de Sherlock Holmes, de Hercule Poirot, deduzira os detalhes: o copo grande, contrário aos hábitos de seu amigo, que conhecia, ou acreditava conhecer à perfeição, e as duas garrafas grandes de Perrier quase cheias (terá tido uma recordação de *Cotapós*, pensou), e a cocaína, esticada na estante com abundância, num local em que não chegava a possível brisa da rua, e não aspirada. A única coisa que o pegou de surpresa nesse sombrio e singular anoitecer da segunda-feira em que entrou no apartamento de Felipe e o encontrou morto foi o choro histérico, desconsolado de Silvia, que, ao ver que ele não voltava depois de mais de uma hora, tinha interrompido seu filme, partido em busca dele, o vira junto ao corpo

inerte de Felipe, a boca entreaberta, a testa exangue, sem estar preparada e sem se dar conta de que Alfredo Arias estava no quarto ao lado, ou sem se importar a mínima que estivesse, e perdera todo o controle. Porque ele não ignorava, claro, não ignorava totalmente, e havia muito tempo, a fraqueza de Silvia, e mais de uma vez tivera suspeitas, sentimentos insidiosos, incômodos, que se renovavam cada vez que observava em campo, em ação, a capacidade de sedução e a perfeita falta de escrúpulos de Felipe Díaz, mas nunca, jamais em sua vida, tinha imaginado que Silvia, a serena, sorridente, brincalhona Silvia, pudesse perder as estribeiras daquele jeito tão evidente. Sem dúvida, não era que estivesse impressionada, à beira de um ataque de nervos, pelo espetáculo de um cadáver, do cadáver de um suicida. Silvia não tinha esse tipo de fragilidade. Seu choro, alheio à proximidade de Alfredo Arias, e alheia a ele mesmo, a toda noção de prudência, e até do que diriam, de pudor, era um lamento inédito, diferente, profundo: saía das entranhas de uma mulher que ele acreditava conhecer de dentro para fora, e que na realidade não conhecia, ou que começara a conhecer só agora, tarde e irremediavelmente. Ficava confirmado, então, ungido e sacramentado, que Silvia e Felipe tinham sido amantes? E por quanto tempo, em que circunstâncias e como tinham feito para enganá-lo, para traí-lo debaixo de suas próprias barbas, porque se a palavra traição não se aplicasse a esse caso preciso, traição com deslealdade, jogando com a amizade, com a comédia da sinceridade, com a verdade mentirosa, quando, diabos, se aplicaria?

O doutor observou de soslaio os olhos avermelhados, o olhar de ternura rasgada, intensa, de amor! – porque não era de nenhuma outra coisa – que Silvia dirigia à cabeça inerte de Felipe; e suas dúvidas, que até então haviam se sustentado, apesar das aparências, e o tinham protegido e lhe ofereciam uma permanente porta de escape, se dissiparam naquele momento. Em seu desconcerto, em seu repentino descalabro, porque tinha se preparado, quando descia à rua, quando manuseava dentro do bolso a cópia das chaves, para qualquer coisa, menos para aquilo, esteve a ponto de perguntar a ela, de lançar uma pergunta à queima-roupa, mas se conteve. Silvia, agredida, teria se defendido com astúcia, com a astúcia que agora, em uma rápida revisão retrospectiva, comprovava que havia sido habitual nela: teria dado uma explicação que não o convenceria, mas que o deixaria neutralizado, o deixaria enjoado, e ela teria ficado prevenida, alerta, disposta a apagar pistas. Ele, agora,

precisava jogar com a cabeça. Não tinha outro remédio. Precisava empregar a mesma astúcia de Silvia, caso contrário se transformaria em um marionete dela, e acabaria por saber menos de Felipe e dela do que a *concierge*, do que o último filho do vizinho. Como os cornos de todas as eras!

− Aconteceu alguma coisa com Monsieur Díaz? − perguntou justamente a *concierge*, saindo de seu cubículo no saguão escuro do hall do imóvel, com boa capacidade de adivinhação, talvez com antecedentes que eles não conheciam, e o doutor teve de explicar o ocorrido a ela. Daria uns telefonemas, avisaria a polícia, o consulado, os amigos.

− *Ne vous inquiétez pas, Madame Larousse.*

Fazia tempo que sabia que ela se chamava Madame Larousse. Costumavam brincar a respeito com Felipe. "Vou consultar Madame Larousse", Felipe dizia de repente, sem rir nem um pouco, e as pessoas que não estavam a par do segredo se olhavam, perplexas.

− Estou me sentindo mal – murmurou o doutor ao entrar em casa, apalpando o lugar do coração, com a boca seca, a saliva áspera, e serviu-se de um dedo da garrafa que sempre guardava para quando Felipe Díaz ia visitá-lo, uma vez que ele mesmo não bebia nunca.

− Me dê um pouco também – pediu Silvia, e ele, com o automatismo de sua velha galanteria de Iquique, indicou que ela se servisse sozinha, ele não tinha forças para nada. – Pobrezinho! – exclamou Silvia depois de beber o primeiro gole. – Felipe vai te fazer tanta falta.

Quanta falta vai me fazer!, ele pensou, e quanta falta vai fazer a você!, e depois disse a si mesmo: fim de semana de merda! Porque tinha perdido seu melhor amigo, e o tinha perdido para o futuro, para os poucos anos ou meses que lhe restavam, que agora via mais breves, mais sombrios, e para o passado, para a memória, o que de certo modo era pior, uma vez que sua descoberta de pouco antes transformava as lembranças alegres, as andanças festivas, as conversas intermináveis, as anedotas, as piadas, em sarcasmo, em pestilência. Agora, sim, entendia as pequenas brincadeiras de Silvia. Como tinham servido para dissimular, para desorientar! Se suas suspeitas, já opressivas, mas que seria preciso revisar à luz do dia, em circunstâncias mais normais, se confirmassem, que Filha de uma Grandessíssima Puta ela seria, acabaria sendo, teria sido, e ele, que idiota, no amor, na amizade, na política, nas questões de dinheiro, em tudo,

sempre confiante, sempre nas nuvens!

Na terça-feira de manhã, observei-a com a máxima atenção, com um grau de atenção com que nunca, desde que a conheci há cerca de trinta anos, quando ela estava com seus incríveis vinte e poucos (sempre, teria dito Alfredo Arias, quando se olha para eles com a perspectiva dos sessenta ou dos setenta, são incríveis), e eu, em meus verdes quarenta, tinha olhado para ela. Parece-me que ela não se deu conta. Se notou alguma coisa estranha em mim, atribuiu-a, suponho, aos acontecimentos da véspera. Ela, por seu lado, estava acabada, de aspecto muito cansado, mas não se podia dar a isso uma interpretação especial. Tínhamos dormido mal, ela e eu, como era lógico. Vou ter de me armar de paciência, de uma grande paciência, pensei, e observá-la em circunstâncias diferentes, normais e anormais, sem abandonar nunca o estado de alerta máximo. Eu havia notado, nos últimos meses, que meu frescor intelectual decaía à tarde, que minha capacidade de atenção e minha memória mostravam sintomas de cansaço, mas agora tinha de fazer um esforço de vontade permanente. É o que se chama, pensei, de tirar forças da fraqueza, de uma fraqueza, era preciso admitir, cada dia mais opressiva.

À tarde, fomos ao velório, num escritório lúgubre da associação de jornalistas, onde colocaram o caixão sobre uma mesa qualquer, coberta com um pano preto, rodeado por duas coroas murchas, a de uma associação chilena e a de uma agremiação francesa de alguma classe, sem maiores ornamentos. No fundo de um corredor, escreviam à máquina em uma sala e escutava-se de vez em quando um telefone, uma voz sonolenta que atendia. Passavam com passo firme homens com camisas de mangas arregaçadas, secretárias de óculos, gordinhas, e limitavam-se a dar uma olhada rápida, deliberadamente neutra, à sala funerária. Silvia fez uma observação curiosa, que não revelava nada, claro, nada do que interessava, mas que me pareceu, de todo modo, curiosa. Disse que os funerais sem padres, sem ornamentos religiosos, sem liturgia, sem cânticos, eram de uma tristeza, de uma mesquinharia, corrigiu-se, quase impossível de resistir.

− Está querendo me dizer que devíamos acabar católicos?

Ela olhou o caixão, olhou as paredes sujas, lascadas, as manchas da pintura, as seis ou sete pessoas amigas que tinham se reunido: o Gordo Manzano, Abelardo Manzano, e mais três ou quatro chilenos; Alfredo Arias, nosso amigo espanhol, que tinha a extravagância de ter nascido na ilha de Lanzarote; um poeta da Guatemala; uma ex-amante francesa de Felipe, Madame Léotard, que

tinha se tornado sua amiga fiel, que ajudava, generosa… Olhou tudo isso, Silvia, e encolheu os ombros.

− Para mim – disse – faça uma missa com três padres, com canto gregoriano, incenso, coroas de flores, crepes fúnebres…

− Mas se você já vai estar morta, o que importa isso?

Perguntei a mim mesmo se essa reação, entre voluntariosa e irritada, agressiva, não revelaria uma emoção, um transtorno que Silvia havia dissimulado o tempo todo, mas que tinha raízes submersas. É possível que Madame Léotard, me disse ela, que deve ter passado da condição de amante à de confidente, saiba alguma coisa, e me propus encontrar algum pretexto para vê-la de novo. Alfredo Arias, que era um solteirão mulherengo no estilo de Felipe, com algum remoto matrimônio nas costas, também devia ter sacado alguma coisa, e pode ser que mais de uma. E Abelardo Manzano, o Gordo, com seus amigos socialistas, bons para a tertúlia e para o vinho tinto, talvez. Talvez, talvez! Eu invocaria o pretexto da amizade, das recordações comuns, que não eram um mau pretexto, afinal de contas, e com isso aproveitaria para entrar no assunto.

No enterro, ainda mais sem graça e mais mesquinho, como havia dito Silvia, do que o velório, visto que consistiu em trasladar o caixão na quarta-feira de manhã, sem missa de corpo presente, sem homilia, sem responsórios, em um furgão preto, um Peugeot antiquado, até o cemitério de Ivry, lugar conhecido dos subúrbios vermelhos de Paris, como se a conversão anticomunista de Felipe Díaz não contasse, como se a antiga militância lhe houvesse imposto para sempre uma natureza, para a eternidade, porque sua deserção, quando nós, comunistas, estávamos fortes, havia sido um escândalo, mas agora, quando o forno, o forno comunista, entenda-se, não estava para bolos, preferíamos esquecê-la e recordar, em seu lugar, os tempos lendários da fidelidade, da disciplina; nessa viagem de furgão, com os pés para a frente, e nessa despedida sórdida, na qual o rápido cerimonial era cumprido por funcionários municipais que estendiam a mão, militantes ou não militantes, com ou sem o crachá do Partido, para que lhes dessem sua gorjeta, Silvia, que tinha ido de tailleur cinza, com penteado de cabeleireira, muito composto, não resistiu e derramou grossas lágrimas, que rolaram por suas faces fatigadas. O detalhe, claro está, nada revelava. Madame Léotard, ex-amante comprovada, amiga fiel, precisou recorrer a um lencinho de

seda, e até Manzano, o Gordo, em memória de sabe-se lá que festas, que aventuras, que piadas, fazia bicos, enquanto Alfredo Arias estava pálido, elegante, melancólico, pensando, dava a impressão, com os olhos brilhantes e algo fundos, em si mesmo, em seu próprio destino. Confesso que senti, apesar do turvo lastro que havia em mim, cócegas nos olhos e que olhei para outro lado, não sei se por contágio ou porque o sentimento de amizade, acima das suspeitas e por mais absurdo que fosse, perdurava.

No dia seguinte ao enterro, quarta-feira, depois do almoço, assim que Silvia se trancou no quarto para dormir sua sesta, saí à rua na ponta dos pés, em mangas de camisa, porque o calor era insuportável, e com as chaves do apartamento de Felipe solidamente seguras na palma suada da mão direita. Estava incomodado, me sentindo culpado de uma transgressão não muito bem definida, mas dominado por uma determinação irresistível. Digitei o código da porta da rua, já que os franceses, como se sabe, têm obsessão por segurança, e em minha agenda há mais senhas secretas do que endereços; passei pelo saguão sem notar nenhum movimento nos domínios de Madame Larousse, introduzi a chave no apartamento do segundo andar, fechei a porta às minhas costas, e na penumbra, no silêncio, nas recordações de meu ex-amigo falecido, de meu possível inimigo póstumo e até retrospectivo, tive a sensação desagradável de ter me transformado em um ladrão; pior que isso, em um profanador de túmulos. Não fiz, porém, o menor gesto de me retirar. Não vacilei, apesar da consciência pesada, nem um só segundo. Minha necessidade de saber acabava com qualquer escrúpulo, inclusive com o sentimento de ridículo, o que é dizer muito para uma pessoa que nasceu em Iquique, naquela parte da estreita faixa chilena.

Cerrei as cortinas, que já estavam meio fechadas, com o maior cuidado, e procurei o chaveiro que eu conhecia, aquele que eu mesmo tinha devolvido a seu lugar no começo dessa semana que não terminava nunca e que estava sempre guardado na cômoda de Felipe. O chaveiro, claro, continuava ali. A terrível, interminável semana não tinha por que tê-lo mudado de lugar. Com a chave pequena, gasta, abri a gaveta dos segredos. Estava em uma escrivaninha desconjuntada, apoiada a uma parede da sala de estar. Apesar dos rumos que escolhera, apesar de suas conquistas, de sua má fama, pensei, ele tinha vivido com modéstia. As acusações do Partido depois de seu afastamento, como era usual nesses casos, parte do ritual das expulsões, tinham sido caluniosas,

perfeitamente infundadas. Ainda bem que Silvia e eu, pelo menos, ficamos calados e continuamos a vê-lo, embora nos primeiros tempos de forma discreta (detalhe que ele, por delicadeza, aceitava sem comentários), e compreendi, não pude deixar de compreender, que Silvia, a Silvia que eu não conhecia, com sua astúcia e teimosia, planejara que assim fosse. Havia me manipulado, a Silvia! Havia nos manipulado, e com a ponta do dedo mínimo!

Na gaveta havia umas tantas cartas, nenhuma de Silvia, algumas chaves, cartões de visita velhos, amarelados, e um pacote grande, que era preciso apertar para fechar a gaveta, de fotografias femininas. Que colecionador, esse Felipe!, exclamei por dentro, e antes da noite de segunda-feira, me dizia isso com riso, com simpatia (e, de fato, na segunda à noite, antes que Silvia aparecesse e se delatasse, eu tinha visto a gaveta aberta e não sentira a menor curiosidade), mas agora havia se misturado, havia se colado um sentimento de angústia, inclusive um sentimento de ódio. Que aparição mais inoportuna, mais desagradável! Ou me curo de qualquer jeito dessa obsessão, pensei, dessa doença, ou morro antes do fim do ano. No pacote havia dois tipos de fotografia: aquelas presenteadas pelas interessadas e aquelas tiradas pelo próprio Felipe. Entre as segundas, as tiradas por ele, encontrei poses insinuantes, divertidas, obscenas, grotescas, absurdas, românticas e uns quantos nus bem mal fotografados. Me perguntei se a filósofa chegara a entrar nessa série, nessa categoria provavelmente superior, e procurei uma cintura de vespa, como dizia ele, que terminasse nuns peitos perfeitos e coroada por traços orientais. Não havia nada que se enquadrasse nessa descrição. Encontrei, porém, uma mulher mais para gordinha, bem constituída, com o rosto escondido debaixo dos lençóis em desordem e de pernas abertas, um sexo feminino fotografado em primeiro plano, curiosamente parecido com *A origem do mundo*, o quadro de Gustave Courbet que Silvia e eu acabávamos de visitar e que tinha sido exposto depois de mais de um século no Musée d’Orsay. Senti violentas palpitações, contemplei a mulher com fascinação, assombrado, e levantei os olhos acima do sexo, para ver se não era Silvia. Eu já havia tido uma ideia estranha, confusa, ao ver o quadro no museu, e essa ideia, como a imagem de um sonho, voltava. Creio que não era Silvia, pelo menos quis pensar que não era, mas produziu-se uma coincidência terrível, que durante longos minutos não consegui suportar. Minhas pernas fraquejaram e pensei que eu fosse cair de repente no chão, fulminado. Debaixo dessa réplica

mal fotografada, mas não mal pensada, de *A origem do mundo*, réplica provavelmente inconsciente, simples coincidência com aquele suposto modelo, encontrei uma pequena fotografia, tamanho três por quatro, descolada de forma tosca de um documento velho.

− Silvia! – exclamei em voz alta, muitíssimo pálido, trêmulo, com o pulso a mil, a boca seca.

Enfiei a fotografia no bolso, arrumei a gaveta de segredos, fechei, deixei o molho de chaves no lugar e entreabri as cortinas, tal como estavam antes. Era um tipo estranho de ladrão: justificado até certo ponto diante da norma legal, e ao mesmo tempo nebuloso, desesperado pela pilhagem. O calor sufocante da rua me fez sentir muito mal, talvez eu tivesse sofrido uma síncope cardíaca sem me dar conta. Concluí que não seria capaz de chegar em casa, que seria surpreendido com as provas do meu crime, do meu torpe, ridículo delito, no bolso. Que morte mais disparatada! Consegui chegar, porém, cambaleando, suando sem suar, sem líquido. A velhice, pensei, e pensei sem a menor amenidade, como médico e como homem de ciências aficionado, consiste, entre outras coisas, numa diminuição drástica das secreções, um ressecamento por dentro! Silvia, estranhando não me sentir na cama a seu lado, tinha acordado da sesta. Não eram mais que quatro da tarde. Eu, agora, queria levantá-la dos lençóis, tapar-lhe o rosto, tirar-lhe a calcinha, abrir suas pernas e me pôr a um metro dela, fincado no chão, para contemplar, e comparar, e até para tirar fotografias!

− O que estava fazendo na rua a essa hora? – ela perguntou, alheia, claro, a meus desejos, e preocupada, porque nada podia ser mais contrário a meus costumes do que sair e entrar a essa hora e em pleno verão.

− Terminei meu livro sobre a KGB – disse – e saí para procurar outras publicações sobre o mesmo tema.

− A obsessão comunista deixou você louco – sentenciou Silvia. – Vai acabar te matando.

− Não preciso de condenação – respondi.

− Ninguém nunca precisou de condenação – ela retrucou. – Bastava torturar, sentenciar, liquidar uns poucos.

− Parece que Pinochet aprendeu a lição – disse eu, para dizer alguma coisa.

− Perto deles, de Stálin e de seus sequazes, Pinochet era um bebê de peito –

sentenciou Silvia na penumbra.

Eram as mesmas coisas que Felipe dizia, e compreendi que Silvia, com Felipe vivo, se calava, e que agora, em sua ausência, tinha tomado coragem. Mais outro indício, como se faltasse mais um. Eu, porém, no banheiro, com a porta aberta, tinha pego a fotografia três por quatro de Silvia, o retrato juvenil, fora de foco, e não conseguia deixar de contemplar, de admirar a beleza de seus olhos daqueles anos, da qual conservava ainda restos, de sua testa saliente.

− Porque o camarada Stálin – continuou ela, em sua empenhada representação de Felipe Díaz, sem ter como saber nem por um instante que eu tinha nas mãos uma imagem delatora – tinha se enfiado na cabeça de todos nós. Tinha se transformado em uma simples projeção nossa.

− Que grande projeção! – eu disse, lembrando de repente, sabe-se lá por quê, a maneira de falar dos iquiqueños, e colocando a foto diante do espelho iluminado.

− O único que se libertou a tempo – comentou Silvia – foi o Felipe.

− Porque era muito mais cínico que nós.

− Não é verdade! – respondeu a voz da penumbra, com firmeza, com energia inusitada. – Era mais lúcido, mais independente, menos covarde!

Está começando a se expor, pensei, enlouquecido, baixando a fotografia, que apertei no punho, sentindo enquanto a apertava, coisa estranha, algo muito parecido com a excitação sexual: a vaca! Continuemos por esse caminho, pensei, e logo saberemos de tudo.

Nessa mesma tarde, telefonei para Alfredo Arias. Como de costume, atendeu a secretária eletrônica, no estilo peremptório próprio de seu dono, que, em seguida, quando reconheceu minha voz, pegou o telefone. Disse-lhe que precisava conversar com ele "com certa urgência" e pedi que nos encontrássemos na livraria La Hune de Saint-Germain-des-Prés, na seção de clássicos franceses.

− Na frente das *Memórias do além-túmulo* – especifiquei, com humor lúgubre, e adiantei minha intenção de falarmos de Felipe.

De Felipe? Creio que a ideia lhe pareceu um pouco estranha. Assim, ao menos, interpretei seu silêncio prolongado ao telefone. Mas Alfredo Arias, além de outras virtudes e um ou outro defeito, era homem amável, cordato, que fazia esforços para não decepcionar os amigos, e apareceu na La Hune, diante das obras de Corneille e do Visconde de Chateaubriand, às sete da noite em ponto. No lugar preciso e na hora exata.

− Que coincidência! – me disse. – Estou com vontade de ler as *Memórias do além-túmulo*. Não sei por quê.

− Eu me sinto mais inclinado – comentei com cara de gozação e sabendo perfeitamente por quê – a mergulhar no marquês de Sade –, afirmação que ele não tinha condição de entender em todos os seus matizes, mas que recebeu com senso de humor.

− Para a sua idade – exclamou, batendo em meu ombro – não está nada mal!

Saímos da livraria e nos sentamos no terraço do Deux Magots, na frente da torre da igreja de Saint-Germain, que nunca me canso de admirar e que a essa hora se perfilava em sua simplicidade medieval, teológica, contra o céu ensolarado e manchado de nuvens brancas.

− De onde os senhores são? – perguntou o garçom em mau castelhano.

− Das Canárias – eu disse apontando para Alfredo, e o lugar sem dúvida não figurava nos livros de nosso espontâneo interlocutor – e de Iquique, no norte do Chile.

− *Chili*! – exclamou o garçom com evidente alegria em reconhecer alguma coisa. – *A mi me gusta mucho bailar la salsa*.

− Eu não gosto – respondi.

− Nem eu – disse Alfredo.

O garçom afastou-se, acho que decepcionado com a insuficiência de nosso

exotismo, e eu, depois de vários preâmbulos, de observações triviais sobre a arquitetura da igreja, sobre o clima, sobre os turistas japoneses, entrei com força no tema da idade. A pessoa acredita que as obsessões, as paixões, os ciúmes, os famosos fantasmas eróticos, vão terminar com os anos. Eu, pelo menos, aos quarenta, tinha certeza de que terminariam aos cinquenta. E aos cinquenta de que terminariam aos sessenta. E depois aos setenta… Agora, porém, podia apostar minha cabeça, minha febril cabeça, que não terminariam nunca. Nem aos oitenta. Nem aos duzentos anos!

− É assim mesmo! – Alfredo concordou, com ar resignado.

− E assim será!

Primeiro diminuía a capacidade de ação. A máquina! E, na etapa seguinte, a capacidade de sedução, que acreditávamos, ou que pretendíamos acreditar, que duraria tanto quanto nós mesmos. Tanto e tão pouco! Mas o negócio é que a faísca falhava, como se a pedra do isqueiro estivesse gasta e os movimentos do corpo, os gestos, ficassem entorpecidos. Os fantasmas, porém, os entes profundos, habitantes estranhos do inconsciente, continuavam ali, vivinhos e revirando, soltando fumacinha.

Alfredo Arias deu um grande suspiro. Fez isso com extroversão e com a falta de complexo das pessoas de sua terra. Tinha pedido uma água Perrier, depois de me confessar que estava se cuidando, de afirmar com a mais completa convicção que a essa altura da vida precisava proteger essa máquina da qual eu havia falado, e eu, segundo a minha própria receita de vida longa, tinha pedido a limonada de sempre.

− Felipe – eu disse, provando o meu trago amargo – tinha a mania neurótica de mudar de mulher todos os dias, ou todas as semanas…

− Que loucura! – Alfredo exclamou. – Complicadas como elas são!

− É verdade! Estou casado há quase trinta anos com a mesma e ainda há coisas nela que não conheço, não paro de descobrir novas complicações que eu nem tinha sonhado.

Calculei que me aproximava do tema, que havia chegado ao umbral delicado, preciso, e comprovei que, quando bebia a limonada sem açúcar, quando fazia das tripas coração e atravessava esse umbral, a pulsação do meu sangue e até o ritmo da respiração se alteravam bruscamente. Alguma coisa em mim, nos meus últimos recursos, apesar de mim mesmo, se acelerava a mil e se aquecia.

Enquanto isso, Alfredo me explicava que sua filosofia era diferente. Quase contrária. Em vez de tanta mudança, fazia um esforço determinado para manter todas as situações, todas!, simultâneas. No próximo fim de semana, para dar apenas um exemplo, ia viajar para a Itália, encontrar-se com uma amiga milionária, dona de uma esplêndida vila perto de Florença, e que o convidava a fazer turismo na primeira classe e nos hotéis mais luxuosos do planeta, onde sempre reservava uma suíte para ela e outra, a mais majestosa de todas, a Presidencial, ou a Leonardo da Vinci, ou a Salvador Dalí, para ele.

− Isso é que é vida! – eu disse, exclamação que jamais havia emitido em meus anos de militância, algo assim nem sequer tinha me ocorrido, o que, afinal de contas, não depõe contra aqueles anos; e ao mesmo tempo pensei que Silvia, sem imaginar nem uma palavra de nossa conversa, estava em um quarto pequeno, quase escuro, folheando revistas ou fazendo o que agora, na época dos controles remotos, se chama *zapear*, morta de tédio.

Alfredo, que era bem mais velho que Felipe – se encontrava entre Felipe e eu – disse, de repente, sem ninguém perguntar, que a italiana tinha três ou quatro a mais que ele. Emiti algumas exclamações de admiração, com a boca aberta.

− Acontece que – explicou, animado, com gestos grandiloquentes, com olhos brilhantes, enquanto era observado de soslaio pelos vizinhos de mesa –, com o dinheiro que tem, ela refez tudo: as nádegas, a pele, os peitos, o pescoço, até a batata das pernas! Nenhuma de suas partes é original, claro – apontou, sem o menor sinal de discrição –, mas todas estão impecáveis, perfeitas. – E as modelava no ar com as mãos grandes, com olhos arregalados, sob os olhares do garçom e dos vizinhos.

− Madame Frankenstein!

− *Voilà!* – gritou, pulando da cadeira. – Madame Frankenstein! – E estendeu a palma da mão direita com um gesto quebrado, que me lembrou, não sei por quê, um cubano, romancista do exílio, um personagem muito gesticulador, um pouco teatral, que eu costumava ver no café ao lado, o Flore, um lugar onde a clientela era, por assim dizer, mais exagerada, de cores mais intensas.

A extravagância do assunto era tamanha, que intuí ter chegado o momento de pôr em cena a minha própria extravagância. Bebi outro gole amargo, engoli a saliva e me atirei. Havia marcado o encontro na La Hune, na verdade, disse, com um objetivo muito concreto que a ele, talvez, fosse parecer absurdo, de muito

mau gosto inclusive, mas que tinha para mim uma importância vital, e como ele era meu amigo…

− Vai achar que estou doente, que estou completamente louco, e o mais provável, sabe de uma coisa?, o mais provável é que você tenha razão, mas a única maneira de me curar dessa doença é você me dizer a verdade, toda a verdade, por mais dura, mais crua, mais cruel que seja para mim. Vai ser capaz de me dizer?

Enquanto eu falava, Alfredo Arias tinha ficado sério. Compreendera, imagino, pelo meu tom de voz, por minha dificuldade em encontrar as palavras, que minha doença, minha mania, minha loucura, o nome não importava, não era nenhuma brincadeira. Tinha ficado sério e fora dominado, independentemente de sua vontade, por uma expressão de surpresa infantil e ao mesmo tempo, por estranho que pareça, de medo. Era um menino calvo e velho, de olhos fundos, de mãos ossudas, que me olhava de lado, com um reflexo amarelado, assustadiço, surgido nas pupilas. Pensei, não sei se com ou sem razão, que esse lado infantil de sua personalidade podia me ser conveniente. Podia permitir que eu falasse sem ser calculista, sem medir as consequências, sem um respeito humano excessivo.

− Quero saber… – comecei, olhando a torre descarnada da igreja, as nuvens de algodão, a língua estropiada, o pulso acelerado – você, que conhecia tão bem o Felipe, você, que sempre escutava suas histórias de rabos de saia e que se divertia, que ria às gargalhadas com elas, quero saber se Silvia, escute bem o que estou dizendo, se Silvia, minha mulher, e estou te perguntando como amigo, com a confiança da amizade, e porque preciso que você me dê uma resposta verdadeira, sem mentiras piedosas, se Silvia foi ou não foi amante dele, de Felipe. Quero que me conte, Alfredo. Melhor dizendo, preciso, e que me conte sem omitir nada, com toda a riqueza de detalhes com que ele, sem dúvida, terá contado a você… É um pedido um pouco estranho, você vai dizer, de muito mau gosto, um pouco perverso talvez, mas… Estou num conflito terrível, num estado de inquietação que me devora vivo, que não me deixa dormir nem um minuto, e só a verdade, a verdade sem concessões, contada por um amigo de confiança, poderá me acalmar…

Alfredo chamou o garçom e pediu, numa flagrante infração de seu regime tão proclamado, um uísque duplo com gelo. Temi que meu golpe, minha pergunta

impudica e lançada em pleno plexo solar, tivesse fracassado. Depois do primeiro gole, Alfredo mexeu os músculos da boca, esperou que secassem os lábios e me disse, com expressão que me pareceu de supremo incômodo, de hipocrisia contrária a nossos hábitos, e por isso mesmo, para ele e para mim, vergonhosa e até dolorosa, que jamais, nunca na vida!, tinha ouvido de Felipe nem uma única palavra sobre Silvia. Tinha certeza de que era pura imaginação minha, fantasmas que tinham se metido na minha cabeça, para utilizar minha própria expressão, e disso, dessa sólida e estúpida resposta, não se abalou nem um centímetro. Contei, inclusive, vermelho até as orelhas, gaguejando, mas fazendo esforços para me superar, o episódio de meu exame das fotografias, mentindo, isso, sim, sobre o tempo e as circunstâncias, dizendo que tinha feito aquilo quando ele ainda estava vivo, aproveitando a autoridade que me dava ter recebido uma cópia de suas chaves, justificativa que não soou, tenho de admitir, nada convincente.

− Eu também podia ter uma fotografia de Silvia – protestou Alfredo, que, de repente, tinha ficado com uma cara de louco de manicômio. – E isso não provaria nada!

− Você com certeza não coleciona fotografias de suas amantes, mas ele sim, e Silvia, minha mulher, fazia parte dessa coleção.

Alfredo Arias, que sem dúvida era péssimo para dissimular, olhou para outro lado e fez todo tipo de movimentos abruptos, absurdos. Suas articulações produziram verdadeiros estalidos, como se estivesse a ponto de se desconjuntar.

Eu, então, que tinha entrado numa espécie de queda livre, dei um passo atrás, um passo extremo e no vazio. Dei esse passo com uma sensação de vertigem que não conseguia controlar. Disse que tinha visto na coleção de Felipe a foto de uma mulher nua, o rosto coberto pelos lençóis e as pernas abertas, numa pose muito parecida com a do quadro de Courbet no Musée d’Orsay, e que tinha certeza, quem poderia reconhecê-la melhor do que eu!, que pelas formas, pela curvatura especial do ventre, pelas coxas, pelos próprios pelos pubianos, acrescentei, com a voz envolta em mucosidades, em teias de aranha, de que era Silvia há uns vinte anos, em seus maduros e estupendos trinta e tantos anos.

− Mas você não disse que estava com o rosto coberto? – protestou Alfredo, descomposto, com os mesmos olhos arregalados de um momento antes.

− Estava, sim. Mas… – E mexi as mãos, como quem diz: pense um pouco! E

dizendo também: não tente me ajudar, porque assim não me ajuda nada.

Alfredo Arias terminou de tomar seu uísque e colocou o copo com força, e até, eu diria, com raiva, com um sentimento parecido com indignação, como se o medo do primeiro momento tivesse sido suplantado pela ira, em cima da mesa.

− Você me fez uma pergunta – disse ele – e eu respondo. Respondo do melhor jeito que posso responder. Porque não escutei de Felipe, nunca!, nem uma palavra sobre sua mulher. Nem uma palavra! Está me entendendo?

− Entendo – disse eu, com os olhos baixos, e pedi que me desculpasse, que passássemos a outro assunto. Ele pôs uma mão em meu ombro e apertou, chegou a doer.

− Eu imagino o que você está pensando – disse eu. – Está pensando que estou doente da cabeça. E tem toda razão. Já te avisei. É uma doença que apareceu de repente, como um aperto na cabeça e que me deixou paralisado, escravizado. Se fosse um amor impossível, uma paixão senil, estaria mais tranquilo, mas o engano, o ciúme, a curiosidade nervosa, contrariada, são mil vezes piores…

Ele apertou os músculos de meus ombros com mãos de tenaz. Não pude evitar um grito. O garçom, aquele que gostava de salsa, nos observava com uma expressão meio brincalhona, meio maliciosa.

− Talvez – Alfredo murmurou – você tivesse de consultar um psiquiatra. Tenho uma psiquiatra muito boa, que me ajudou muito a parar de beber.

− E é bonita? – perguntei, para tirar um pouco o peso do assunto. – Faz parte da sua coleção, das suas situações simultâneas?

Ele mexeu as mãos como quem diz para parar de brincadeiras e como se ainda, de algum modo, estivesse em guarda, uma vez que eu, agora, para ele, não era mais o mesmo e nunca mais seria.

− Olhe – eu disse então, bebendo o limão com água e com saliva, voltando à carga, reconhecendo, no fundo, que a doença, essa que tinha me vindo de repente, era incurável. Sentia, nesse instante, e confesso sem a menor complacência, com desgosto, que Alfredo Arias era Felipe Díaz e tive vontade de agredi-lo, de estrangulá-lo, de esmagá-lo como uma larva. Se tivesse me contado, teria sido mil vezes melhor, mas ele, em sua obstinação, não entendia. Você é um burro!, eu queria dizer, mas não disse e pedi, em vez disso, depondo as armas, com a voz mais suave e mais neutra que conseguia tirar do peito, que me fizesse um favor, um só: − Sei que você conheceu Mélanie Sylvestre, uma

louca que arrumava mulheres para Felipe.

− Para Felipe não – disse Alfredo Arias. – Para um tal de marquês de la Gondolière.

− Bom – prossegui – dá na mesma. Para Felipe e para o marquês. O favor, em todo caso, é o seguinte: podia me pôr em contato com ela?

− Quer que eu te arrume uma garota para esta noite? – perguntou Alfredo Arias, mais relaxado, ou se fazendo de relaxado, rindo. − Pelo menos serviria para você arejar as ideias.

− Sabe onde posso encontrar essa mulher? – insisti.

− Venha comigo – disse Alfredo Arias.

Demos uma boa caminhada, enquanto o céu mudava suavemente de cor e chegamos a um botequim que ficava nos arredores da igreja de Saint-Sévérin e da Rue de la Huchette.

− É aí – disse Alfredo, apontando com dissimulação, com o polegar da mão direita, para o interior, e se despediu de um jeito brusco, como se não quisesse vê-la nem por todo o ouro do mundo. E como se quisesse livrar-se de mim, o maníaco que tinha encontrado havia apenas algumas horas. Eu, consciente da estranheza de tudo aquilo, culpado, atravessei o umbral. Quando meus olhos se acostumaram com o escuro, distingui uma mulher de cabelo grisalho, rugas profundas, pele cinzenta, que fumava como uma chaminé. Que bruxa, pensei: como pude descer tão baixo e em tão poucos dias! Além de estragada e velha, Mélanie Sylvestre estava suja, com um mau cheiro ácido grudado no corpo, e com roupas tecidas a mão, grossas e lanudas demais para a estação. Perguntei, gaguejando e sem maiores preâmbulos, o que a fez pensar, de forma muito evidente, que um dos malucos, dos dementes que pululavam ali por perto, tinha entrado em seu estabelecimento, se ela era Mélanie Sylvestre, amiga de Felipe Díaz.

− Felipe Díaz – ela repetiu, olhando para mim com os olhos injetados de sangue, com a boca desdenhosa e soltando baforadas de fumaça. − Um jornalista bebum, que não serve para nada, da Argentina, do Peru, de um desses países?

Me senti reduzido a nada, incapaz de continuar falando. Como vou perguntar para ela?, pensei. Seria demais. Dei meia-volta, me despedindo com um grunhido. Cheguei ao labirinto de ruelas que rodeava a igreja, em meio ao odor de fritada grega, das bolas de carne de cordeiro penduradas, dos doces

empapados de mel, das moscas, da flor dos vagabundos e dos derrotados desta terra e resolvi voltar à carga. Já que estou obcecado com a pergunta, por que não perguntar?, e assim sair disso de uma vez por todas?

Voltei, então, com passos firmes, com a respiração entrecortada, tropeçando na massa dos turistas de movimentos lentos, pedindo desculpas, sofrendo e resistindo ao assédio de dois farrapos humanos. Mas Mélanie Sylvestre tinha fechado o botequim e desaparecido. A cortina metálica era lisa, da mesma cor das paredes do imóvel, da mesma sujeira acinzentada, e cheguei a pensar que fazia parte da parede, e que a visita ao bar e o encontro com sua mal-encarada dona não passavam de imaginação minha. Aí, porém, talvez nesse fundo improvável, estivesse o segredo que eu buscava, ou parte do segredo, entre joias insignificantes, estopas sujas, espirais de fumaça com que eu provavelmente tinha sonhado. De repente, com a boca aberta, as costas curvadas, o passo vacilante dos anciãos, empurrado pela maré incessante, não tinha certeza de nada. De qualquer modo, sabia que não teria mais forças para enfrentar aquela bruxa e que o segredo, se estava ali, ali ficaria.

Tomei um táxi para voltar para casa e encontrei Silvia alarmada. Achava, sem dúvida, que as coisas tinham começado a ficar pretas.

− De onde você está vindo a essa hora? – me perguntou.

− Fui tomar um café com Felipe Díaz.

− Como?

− Desculpe – corrigi –, com Alfredo Arias.

Ela olhou para o outro lado, mas vi que estava preocupada, muito preocupada e que tinha um brilho intenso em seus olhos ainda bonitos.

Tudo o que veio antes, isto é, a revista clandestina do doutor Illanes, completamente contrária a seus costumes, a coleção de fotografias de Felipe Díaz, o encontro com Alfredo Arias e as perguntas insistentes, insólitas numa pessoa da suavidade de Illanes, de sua discrição, de sua cortesia, e a visita, por último, interrompida, frustrada, absurda, ao botequim sombrio de Mélanie Sylvestre, ocorreu como já se disse, na quinta-feira, uma quinta-feira de pleno verão, no dia seguinte ao enterro de Felipe Díaz em um dos cemitérios do *banlieu* vermelho parisiense. O doutor Illanes levantou-se bem mais cedo que de costume na sexta-feira (tivera uma noite cheia de sobressaltos, o começo com insônia, depois com terríveis pesadelos) e calculou que devia ter se passado uma semana exata desde seu encontro com Felipe na esquina do Boulevard du Montparnasse com a Rue Delambre, uma semana interminável, que parecia um ano, um século! Aquele encontro havia marcado o começo do fim de Felipe, além do começo do muito provável fim seu e de tantos finais. Que semaninha!, disse a si mesmo, batendo na testa. O doutor usava óculos redondos, de aros grossos, e tinha uma testa alta, aberta, de ossos marcados, mesmo ainda conservando grande parte do cabelo, de uma cor castanha que o grisalho deixara mais clara, mas não branco. Saiu com a foto três por quatro de sua mulher no bolso, comprou numa banca o *Libération* e *L'Humanité*, já que ainda não se livrara do endiabrado e inútil costume de comprar *L'Huma*, e pensou que ainda era muito cedo para ir ao Musée d'Orsay. Teve, então, uma ideia que o deixou atrapalhado e à qual não conseguiu resistir. Foi andando pela Rue Campagne Première e entrou no saguão sem precisar recorrer ao código. A porta de Madame Larousse, a *concierge*, estava aberta, mas ela não estava por ali. Subiu depressa, trêmulo, entrou com o coração agitado e entreabriu um pouco uma das cortinas, como havia feito na tarde anterior. Procurou então a chave estratégica, abriu a gaveta dos segredos e enfiou no bolso interno do paletó a fotografia da mulher deitada e de pernas abertas. Fez isso com mãos febris, com a sensação de ter se convertido do dia para a noite em um velho ladrão e corrompido. Não sabia explicar por que não tinha feito isso na tarde anterior. Talvez porque a sensação de culpa teria sido mais forte, porque ainda restava, na tarde anterior, um longo trecho moral a percorrer. De qualquer forma, fechou a cortina e saiu o mais rápido que permitiam suas pernas meio trêmulas. Madame Larousse estava parada na porta da rua.

− O que o senhor faz aqui, *monsieur*? – perguntou, sem dissimular um tom de incômodo.

− Nada – respondeu o doutor, gaguejando, mexendo as mãos sem graça. – Tinha de pegar um papel para os trâmites do óbito de meu amigo, para o escritório…

Madame Larousse o olhou com certa estranheza, inclusive com suspeita, e ele, sentindo-se acusado, e até desprezado e condenado, apressou o passo. Chegou ao Musée d'Orsay, conseguiu um folheto explicativo e dirigiu-se diretamente à grande sala dos Courbet.

Diante de *A origem do mundo*, apesar de ser tão cedo, havia três casais espanhóis de meia-idade, gente rude, cansativa mesmo, que olhava a pintura da mulher de pernas abertas e olhava uns para os outros, e olhava com o rabo de olho o doutor setentão, com uma mescla de perplexidade, malícia, dissimulação, enquanto os maridos se revezavam para serem fotografados ao lado do sexo aberto, mostrado em um primeiro plano surpreendente. O doutor colocou os óculos de leitura, abriu o folheto e ficou sabendo que o quadro havia sido encomendado a Courbet por um bei da Turquia, membro do *jet set*, pensou o doutor, da Paris de meados do século XIX, e que a obra tinha permanecido em um aposento reservado, oculta por uma cortina verde e por uma portinhola onde um pintor de segunda linha havia pintado as ameias de um castelo e uma paisagem bucólica, percorrida por pastores, por riachinhos, por longínquos rebanhos de ovelhas. Aprendeu também que, depois de algumas mudanças de proprietário, havia terminado na casa de campo de Jacques Lacan, cuja viúva era filha de Georges Bataille, o autor de *Minha mãe* e de *História do olho*.

− Veja só! – exclamou, diante da surpresa dos três casais espanhóis. Em seguida, tirou a foto do paletó, olhou-a com atenção, avançou dois passos e comparou detidamente com o quadro.

− É Silvia! – exclamou. – Não pode ser outra! – e mordeu o nó de um dedo da mão direita com força destruidora, com uma raiva incontrolável.

Os espanhóis se afastaram, dando olhadas furtivas, enquanto ele imaginava o momento em que o sexo de Felipe Díaz penetrava a vagina carnosa, entreaberta, e depois disse: − Estou maluco, arrasado, e parece que a noite de pesadelo me fez ir até o fundo do poço.

Saiu do museu para o ar quente da rua, com a cabeça ocupada até seus

menores resquícios pela imagem do quadro, e caminhou com passo regular, tentando distrair-se, pensar em outra coisa, até chegar, com a língua de fora, à esquina das esquinas, o encontro em ângulo agudo da Rue Delambre com o Boulevard du Montparnasse. Viu que uma dupla de estudantes desocupava a mesa da sexta-feira anterior, a do malfadado encontro com Felipe Díaz, e instalou-se ali imediatamente. Que sorte!, disse consigo, porque não só tinha passado a falar sozinho como também a discutir consigo mesmo, a dialogar como se fosse duas pessoas, ou mais.

Cumprimentou afavelmente o garçom, que não tinha mudado (mesmo parecendo-lhe estranho que tivesse sobrevivido com tanta desenvoltura ao desaparecimento de um de seus melhores clientes), e pediu um Ballantine's com gelo junto com uma garrafa de Perrier, "não dentro do uísque, *s'il vous plaît*".

O garçom, um perfeito safado, não se deu conta de nada. O doutor Illanes, por meio de um movimento destro da mão direita, que lhe trouxe recordações de suas práticas de cirurgia, fez girar o gelo dentro do copo da maneira exata que Felipe fazia, num momento em que o garçom anotava o pedido da mesa vizinha, e depois pediu que ele, por favor, o perdoasse, mas queria lhe fazer uma consulta séria.

− *Oui, monsieur* – disse o outro, com a bandeja vazia e o guardanapo branco dobrado no antebraço, como um profissional competente.

Ele se lembrava de Felipe Díaz, um jornalista alto, boa-pinta, de uns cinquenta e tantos anos, perto dos sessenta, de origem chilena, que sempre se instalava no terraço no começo do fim de semana, um grande aficionado de Ballantine's, um senhor que tomava o uísque sempre com dois cubos de gelo e uma gota de água Perrier?

O garçom se lembrava perfeitamente, claro, e lamentava muito a morte repentina e triste de Monsieur Díaz, sobrenome que pronunciava com a tônica no "a" e com uma espécie de "z" duplo. Tinha sabido da notícia por meio de um fotógrafo uruguaio que também era grande cliente seu, *Monsieur Fonsecá*, o senhor conhece?

− Acho que não – respondeu o doutor Illanes vagamente, mas acontecia que o senhor Díaz havia nomeado como herdeira universal de seus bens, que não eram muitos, mas também não eram de se desprezar (o garçom estava a ponto de dar uma desculpa qualquer para se afastar, mas o tema do dinheiro, dos bens

deixados por seu cliente defunto, o fez mudar de ideia), uma mulher que todo mundo, todos os amigos de Felipe Díaz estavam procurando, e que dava a impressão, justo agora, de ter se transformado em fumaça.

− O senhor deve ter visto essa mulher com ele muitas vezes – disse, mostrando a foto três por quatro de Silvia. – Se não nos últimos anos, em épocas anteriores, começo da década de 1970, por exemplo, sobretudo depois de 1973, ano do golpe de Estado no Chile.

O garçom franziu os lábios, balançou a cabeça numa negativa e fez menção de se retirar.

− Peço, por favor, que puxe pela memória – insistiu ele, pondo-se em pé para mostrar a foto mais de perto. – Não se lembra dela na companhia dele, em encontros frequentes, em horários variados?

O garçom olhou para ele com cara de poucos amigos, pronunciou um *non, monsieur* seco, e nesse exato momento, com horror, com um tranco brusco no coração, o doutor Illanes viu que Silvia, mulher sua e da fotografia que mostrava nesse preciso instante, estava passando pela rua e se aproximava sorridente, depois de tê-lo visto.

− *Attendez, monsieur!* – gritou, mas o garçom já estava longe. Deixou, então, uma nota de cem francos debaixo do copo de uísque, o que supunha uma gorjeta excessiva, sobretudo por um uísque que não tinha nem provado, por uma informação que não recebera, e correu para desviar Silvia e levá-la pelo braço na direção contrária, rumo à estação de Montparnasse e a seus arredores, onde moravam.

− O que você tem, Patricio? – Silvia perguntava, alterada, ruborizada, resistindo a ir nessa direção. – Ficou louco?

O doutor Illanes olhou por cima do ombro e viu que o garçom, perplexo, balançando a cabeça, mas contente, afinal, com a gorjeta, que havia embolsado depois de um momento de dúvida muito fugaz, cravava neles um olhar intenso, sombrio. Silvia, por fim, conseguiu se soltar do abraço do doutor e disse-lhe que precisava ir a uma loja de roupas que ficava atrás do Boulevard Raspail, perto dos jardins de Luxemburgo.

− Vou com você – disse ele –, mas desde que a gente vá para a outra calçada.

Ela olhou para ele com cara de interrogação.

− Sempre andamos deste lado – disse ele – e agora estou com vontade de

variar um pouco. É só isso.

Ela não pareceu muito convencida, mas concordou em atravessar a rua, levada pelo braço do doutor. Quando estavam atravessando o Raspail, bem aos pés da estátua de Balzac de Rodin, o doutor olhou para o terraço do Dôme e constatou que o garçom, reduzido pela distância, depois de ter deixado o pedido em uma mesa, levantava os olhos, com a indefectível bandeja e o também indefectível guardanapo branco e os observava de novo, com um olhar entre curioso, perscrutador e brincalhão.

− Vai pensar que estou louco – murmurou. – Dane-se!

− O que foi? – ela perguntou.

− Nada – respondeu o doutor Illanes. – Nada, Silvita! Vamos ver que porcaria de trapos você comprou.

Ela olhou para ele com o rabo dos olhos, certamente inquieta, cheia de perguntas, perplexa, mas apertou os lábios e guardou segredo. O doutor desconfiou que, por fim, havia predominado a curiosidade pela roupa que ela tinha deixado escolhida, a expectativa pelo prazer diante dos espelhos. Perguntou-se, inclusive, se não teria sido a vaidade, o desejo de pôr à prova sua capacidade de sedução, a origem de tudo. A curiosidade influía, sem dúvida, e a vaidade, por que não?, sem falar que os jardins de Luxemburgo, no fim da rua, apareciam transbordantes de luz e de vegetação, mais lindos que nunca.

Na sexta-feira não aconteceu mais nada. Ao menos nada digno de nota. Eu a vi experimentar duas blusas numa liquidação de fim de estação e uma calça na loja perto do Luxemburgo, e confesso que a vi se pôr de perfil diante de um tríptico de espelhos, levantar o pescoço, baixar, projetar os lábios pintados, com pena, com péssimo ânimo, me sentindo doente, pensando como ela teria se vestido e se desvestido, com que lentidões, com que expressões, para Felipe Díaz. No sábado de manhã, me armei de coragem. Telefonei na hora que Silvia saiu para ir ao mercado e consegui uma data, um *rendez-vous*, com Madame Léotard. Ela me receberia *avec un grand plaisir, monsieur le Docteur*, às cinco da tarde em ponto, no apartamento que eu já conhecia, onde tínhamos estado com Felipe nas horas preliminares de uma longa noite de Ano-Novo, num andar térreo, com sete metros quadrados de jardim, com rosas, com um *pittosporum* esplêndido, com hortênsias, nos altos de Montmartre. Cheio de valentia, peguei de novo o telefone e liguei para Abelardo Manzano, o barrigudo socialista que tinha feito parte do pequeníssimo grupo dos que se despediram de Felipe no cemitério.

− Só para perguntar duas coisas que me interessam muito.

− E não pode me adiantar alguma coisa?

− Não posso adiantar nada.

O Gordo soltou um grunhido e desligou. Ele já tinha me dado detalhes sobre sua residência, numa complicada explicação. Algumas pessoas não aprendem nunca, pensei, refletindo sobre as explanações cartesianas dos franceses. Tive de ir até o metrô Couronnes e até o Boulevard de Belleville, onde Judas perdeu as botas, a um apartamento de dois cômodos onde o Gordo Manzano, com sua corpulenta humanidade, mal cabia e onde as tábuas do piso rangiam lastimosas cada vez que ele, com seu sapatão de sola de borracha, dava um passo, como se fossem arrebentar e se desfazer em pedaços. O barrigudo Manzano escutou a história com relativa paciência, depois de preâmbulos que haviam sido bem reduzidos, uma vez que não se conseguia nada, eu tinha concluído, com tantos preâmbulos, e reagiu muito mal, pessimamente mal. Me disse logo de cara, sem o menor rodeio, sem me deixar nem terminar, que eu era um frouxo de merda. Eu não sabia, disse ele, nunca me passou pela cabeça que você fosse tão degenerado. Como eu me atrevia a andar fazendo essas perguntas. Essas perguntinhas! Sobre minha própria mulher! Ele respeitava muito Silvia, gostava dela, achava que era discreta, inteligente, boa moça. Eu, com vinte e tantos anos

mais que ela, quase trinta, tinha ganhado na loteria, e de repente, da noite para o dia, me transformava num velho asqueroso. Com a cabeça cheia de merda.

− Entendeu? Se a gente não tivesse sido amigos, e companheiros de luta, de exílio, eu te punha para fora da minha casa a bofetadas, aos chutes. – E ao dizer essas palavras se pôs de pé e parecia, apesar de ele anunciar o contrário, que ia passar, com seus pavorosos cento e vinte quilos, ao ataque.

− Desculpe, Gordo – eu disse –, é muito possível que você tenha razão. Eu não estou muito bem, digamos, por isso é que vim, porque estou tentando encontrar alívio em alguma parte. – E fui para a porta.

− Está mal mesmo – disse o Gordo Manzano, agarrando meu braço. – Está podre!

− Até logo então, Gordo.

− Não, Patito. Está pensando o quê? Ou vai dizer que despreza meu vinho, minha casa… Que aqui é pobre demais, cagado demais para você, todo clínico geral, cirurgião diplomado, psicólogo da casa do caralho!

− Não, Gordo. Como pode pensar isso? Mas…

− Nada de mas aqui! – disse ele, e repetiu a frase várias vezes, e não tive saída senão repartir com ele uma garrafa de vinho áspero, um resto de queijo rançoso, que dava a impressão de ter sido mordiscado por ratos, e de ouvir ele chorar misérias durante mais de uma hora. Tinha tentado voltar a Chillán, sua terra, e dera com os burros n’água. O barrigudo ganhava a vida como cartunista, e o que acontecia era que seu humor, combativo, como ele dizia, duro, de extrema esquerda, não colava mais, nem em Chillán, nem em Santiago, nem em parte alguma. Com tudo isso, em meio às lamentações e aos brindes com vinho de lixa, o Gordo tinha passado do insulto aos abraços, ao amor intenso. Queria me dar de presente um desenho de grandes dimensões, muito feio para o meu gosto, excessivamente carregado de tinta, um pouco borrado: um Tio Sam grotesco levando um chute no traseiro de uma espécie de guerrilheiro sandinista.

− Então – aproveitei para insistir, achando que a confusão podia me favorecer – não sabe nada de Silvia e Felipe?

Abelardo Manzano, o barrigudo, se pôs de pé com lentidão, com a calça folgada, com o cabelo manchado e abundante caído sobre as orelhas, a pele grossa do rosto entre vermelha e acobreada e agarrou a cabeça com as duas mãos.

− Que sujeito mais imbecil! Que idiota!

Consegui escapar daqueles vinte e dois metros quadrados e das tenazes do Gordo, escapar, literalmente, e sem precisar levar o horrível desenho à guisa de resgate, e cheguei a meu apartamento no bairro de Montparnasse tarde para almoçar, agitado, cheirando a vinho e a tabaco, porque a fumaça dos cigarros do barrigudo tinha se impregnado na minha camisa. Silvia estava mais preocupada que nunca e me acariciou a cabeça, me acompanhou até a poltrona, me serviu o almoço com carinhos e cuidados que me pareceram excessivos, equivalentes aos que se dedicam aos meninos, aos velhos senis, aos muito doentes.

− Fui ver o quadro de Courbet – disse a ela – e comparei com você…

− Como?

− E depois me encontrei com o Gordo Manzano, Abelardo, o que estava outro dia no enterro do Felipe, e ele me obrigou a tomar uns copos de vinho com ele.

− Obrigou!

Um pouco mais tarde, quando estávamos terminando de almoçar, eu disse, para fazer o curativo antes da ferida, ou para *curarme en salud*,[*] como dizem os espanhóis: − Descobri que a gente perde a metade ou mais que a metade da vida fazendo a sesta.

− Eu adoro! – exclamou Silvia com verdadeira exaltação, sem sombra de remorso. – Sem a sesta eu não saberia viver. – E eu me perguntei, trêmulo, entornando o gaspacho andaluz que ela preparava tão bem para os dias de calor intenso, se seus encontros com Felipe não teriam ocorrido precisamente à hora da sesta, e me perguntei uma coisa ainda pior, uma coisa ainda mais difícil de suportar: se não estaria lembrando de Felipe, Silvia, no momento mesmo em que dizia que adorava a sesta, que não podia viver sem ela.

Tentei levantar a colher com gaspacho pela segunda vez, porque sou louco, diga-se de passagem, por gaspacho, sobretudo se tem cebolinha picada e crostas de pão torrado, e não consegui de novo.

− Patito – ela disse com serenidade, sem vontade de brigar –, você não vai se converter ao copo agora, você, que não bebia nunca, vai?

Eu, nesse instante, diante de suspeita tão injusta, não apenas injusta, mas tão alheia a minha verdadeira angústia, à comoção malsã que me corroía, e por causa da minha debilidade, do meu transtorno, da minha falta de sono, caí em

lágrimas. Não consegui evitar. Foi uma reação completamente instintiva, incontrolável, como se de repente eu tivesse mijado na calça. Além disso, ainda por cima uma reação assim só servia para confirmar aquela suspeita, como se tudo, agora, se voltasse contra mim, se convertesse em prova de acusação.

− Coitadinho! – ela exclamou. Tinha cravado em mim seu olho certeiro e me vira transformado num trapo, num fantoche. Pôs-se de pé, comovida, e me acariciou a cabeça.

− É que estou um pouco nervoso, Silvia – eu disse, mexendo o gaspacho e batendo, sem querer, a colher na tigela. – Há dias que estou nervoso. Mas você, minha linda, não se preocupe. São coisas da idade, da idade avançada.

− Não ia adiantar nada eu também ficar nervosa – disse Silvia, que em matéria de senso comum sempre foi sólida como uma rocha. De uma solidez enigmática, defendida.

− É verdade – continuei, com os olhos ainda úmidos, porém mais sereno, ganhando tempo, capaz já de controlar a colher, mesmo sentindo, outra vez, que o ácido da amargura me perfurava as vísceras. – Nada!

As esquisitices, como teria dito Silvia – só que Silvia tinha começado a desconfiar que eram pior que esquisitices –, continuaram, porque saí de casa às três da tarde, antes que ela tivesse se retirado para fazer sua sesta, o que para mim também, como eu já disse, havia sido um ritual sagrado até pouco tempo antes, até o momento próximo, remoto e próximo, em que havia deixado de viver e de dormir tranquilo, talvez para sempre. Minha capacidade de inventar explicações, de contar mentiras, havia se esgotado ou já me custava um esforço excessivo, de maneira que simplesmente fui até a porta sem dizer nada, abri-a, fazendo gestos de dor por causa do escandaloso ranger das dobradiças, fechei-a e desci a escada o mais depressa que minhas pernas podiam, como um gatuno que acaba de roubar a própria casa. Que alívio, ao sair para o ar fervente, e que loucura! Dispunha de duas horas para chegar ao encontro com a inefável Madame Léotard, nos altos de Montmartre, de modo que me dirigi ao Boulevard Edgar Quinet, que desemboca no setor da estação de Montparnasse, a poucos passos de nosso edifício. Durante minha segunda exploração do apartamento de Felipe Díaz, quanta delinquência e em tão curto espaço de tempo!, eu tinha pego, além da paródia voluntária ou involuntária de *A origem do mundo*, um papel com um detalhe importante: um endereço no Edgar Quinet que só podia corresponder ao domicílio da amiga da filósofa. A essa altura, a filósofa, personagem que deu início a toda a cadeia de acontecimentos que se sucederam, tinha se apagado da minha cabeça, e eu não acreditava, além do mais, que a pista sua e de sua amiga pudesse render muitos frutos. De qualquer jeito, eu precisava tentar tudo, mesmo que em alguns momentos o impulso falhasse, como acontecera com Mélanie, a bruxa das joias, e fui até o endereço escrito no papel encontrado, roubado, com passos enérgicos, apertando os dentes.

Abriu a porta uma brasileira, a julgar pelo sotaque inconfundível – como todos sabem, mesmo que as pessoas do Brasil falem em castelhano, em francês ou em qualquer idioma –, de uns quarenta e tantos anos, que podia ter sido bonita um dia, mas que estava evidentemente estragada por viver mal, pelo abuso do cigarro, pelo vinho tinto barato, talvez pela droga. Outra bruxa?, me perguntei, outra amiguinha das Parcas? A conversa tomou desde o primeiro minuto, por uma questão não só de palavras, mas também de gestos, de atitudes, um rumo bastante insólito.

− Sou amigo de Felipe Díaz – eu disse, pensando que, afinal de contas, ser

um amigo e ser um apaixonado inimigo não eram muito diferentes.

− Felipe Díaz?

− O amigo de sua amiga, a filósofa mexicana, ou japonesa, ou suíça! Não tenho certeza.

− Ah! – exclamou ela com voz de aguardente, enquanto a fumaça do cigarro que tinha preso nos lábios lhe subia em colunas pelo rosto macilento. Mélanie, de qualquer modo, pensei, a joalheira, a guardiã dos cacarecos, era dez vezes mais bruxa.

− Sei – continuou. – O amigo de Esmeralda!

Consegui, então, uma importante informação: o nome da filósofa, e também a probabilidade de que seu pai, o *jalapeño,* ou o japonês de Jalapa, fosse admirador de Victor Hugo. Mas as surpresas não pararam aí. Precisei contar à brasileira, que tinha um litro de vinho tinto em cima de uma mesa e que nem sequer me ofereceu uma cadeira, que Felipe havia morrido, que ele tinha procurado, para ser mais preciso, a própria morte.

− Com uma overdose de comprimidos para dormir.

− Que horror! – ela exclamou, com o erre duplo mais difícil deste mundo, e disse que ia telefonar a Esmeralda para contar.

− Pobre mulher! – eu disse, e a brasileira, que não parava de fumar seus quebra-peitos e de beber seu tinto em pequenos goles, e que não tinha se sentado, para que eu entendesse com a mais completa clareza que não estava convidado a ficar, saiu-se com o seguinte. Que Esmeralda era uma mulher feliz, invejável, bonita, cheia de talento, bem-sucedida em sua profissão, e que vivia, como se fosse pouco tudo o que já havia dito, com um professor jovem, brilhante e, além de brilhante, belíssimo, *bellisime* (ela disse assim). Ia sentir muito a morte “do Felipe Díaz”, sem dúvida, porque tinha contado a ela que era um boêmio, um louco, e que tinha muita simpatia por ele, mas *si el señor* estava preocupado com Esmeralda, não devia se preocupar. Não, senhor! Esmeralda era a mulher mais razoável, mais organizada, mais realizada (usou essa palavra anacrônica, que estivera na moda na Santiago dos anos 50 e que tinha chegado até Iquique, mas usou-a, claro, com o Z marcado dos brasileiros), mais realizada, repetiu, deste mundo.

Nesse momento, por uma escada de mão que se via ao fundo da sala, na penumbra, e que se ligava ao teto, começaram a descer as pernas de um homem

que dava a impressão de estar se levantando agora e de ter dormido vestido, a julgar pelo amassado da roupa, pela desordem da cabeleira frondosa, meio negra, meio grisalha, e por certo odor que me chegou até a ponta do nariz.

− Só vim comunicar isso, minha senhora – resmunguei, devolvendo, a propósito, o seu pronunciado *señor* –, e diga a Esmeralda para me telefonar, se quiser, porque eu fui o melhor amigo (oh, ironia!), ou um dos melhores amigos de Felipe.

Deixei um cartão de visitas em cima da mesa, sobre as manchas de uma toalha que devia ter vindo, muito tempo atrás, de Salvador da Bahia, e saí depressa, espavorido, no momento em que começava a se aproximar a cara grossa, sonolenta, amassada, do orangotango do sótão. Quem entende as mulheres?, eu me perguntava depois, enquanto viajava de metrô rumo aos altos de Montmartre, quem entende os seres humanos e como se pode saber a verdade, ou ao menos chegar perto disso que chamam de realidade e que nos escorre por todos os lados? Eu me fazia essas perguntas em voz baixa, com os olhos perdidos na névoa, e minha vizinha de banco, que tinha na cabeça um lenço branco de procedência turca ou árabe, me olhava pelo rabo dos olhos.

A conversa com Madame Léotard, um pouco depois, foi, acho, ainda mais absurda, o que não é dizer pouco. Houve momentos em que senti o sopro da demência atrás da orelha, em que Madame Léotard, se fosse uma pessoa menos educada, menos delicada, teria me expulsado de sua casa a pontapés, e bem depressa. Porque demorei muito para entrar no assunto, mas houve um vazio na entrevista, um momento mágico, ao menos para mim, depois dos dez ou doze minutos iniciais, e entrei, quero dizer, entrei no cerne da questão, vermelho como um tomate, com as orelhas queimando, sustentando na mão direita, com sério perigo, uma xícara de porcelana cheia de chá de jasmim.

− Quero ser inteiramente franco com a senhora, minha querida Madame Léotard.

− Eu não esperava outra coisa, *monsieur le Docteur* – disse ela.

− A esta altura da minha vida, *chère madame*, não faz nenhum sentido eu andar com rodeios, com dissimulações.

Madame sorriu um sorriso comedido, apolíneo, desejando, sem a mínima dúvida, que a conversa terminasse logo e que eu desaparecesse de uma vez e para sempre de sua casa, de Montmartre, do horizonte inteiro. Estou vendo, e

creio que verei pelo resto de minha vida, durante todo o tempo que me resta, sua cara redonda, emoldurada pela janela, e atrás da janela, pelas rosas, pelas hortênsias de seu jardim, enigmática às custas de reprimir o riso, ou a irritação, ou o insulto, de substituí-los, melhor dizendo, por uma espécie de controle perfeito.

− Calculo que a senhora, *madame* – prossegui, impávido, com algo que só se podia definir como heroísmo –, seja uma das pessoas que melhor conheceu Felipe Díaz neste mundo.

− *En effet* – concedeu ela – é muito provável.

Engoli seco, então bebi um gole de chá e disse, com uma voz que tinha ficado fraca e ao mesmo tempo se posto rouca, que queria saber uma coisa um pouco delicada, mas muito concreta, e que lhe pedia desculpas de antemão, mas não podia recorrer a nenhuma outra fonte de informação tão confiável, tão segura quanto ela. O que eu desejava saber, *madame*, eu disse cerrando os olhos, pulando no abismo, era se minha mulher, Silvia, tinha sido amante de Felipe Díaz em algum momento ou, ao menos – e senti vontade de suprimir essa parte da pergunta, mas não pude, e formulei-a ruborizado, com o olhar perdido – se tinha alguma vez feito amor com ele, mesmo que fosse uma única vez. Ela, Madame Léotard, provavelmente saberia, ou pelo menos teria suspeitas mais ou menos fundadas, conheceria detalhes que eu não poderia conhecer, a senhora entende, *madame*, e eu não poderia viver, não suportaria os poucos anos de vida que me restam pela frente (“Sim, *madame*, sou médico e me conheço bem, sei que a ansiedade, a incerteza, poderiam me destruir em prazo muito curto”), não poderia, então, sobreviver, porque aquilo já não era vida, enquanto não me livrasse da dúvida. Se ela, *madame*, tivesse a infinita bondade de me contar tudo, com a maior riqueza de detalhes possível, com todos os seus comentários, observações, suposições, me faria um imenso favor. Me salvaria!

− Mesmo que a senhora, *chère madame*, resista em acreditar. E peço, uma vez mais, que me perdoe, que compreenda minha situação, meu sofrimento!

Madame Léotard, com notável controle do diálogo, com algo que só poderíamos qualificar de bom estilo (*chapeau, madame!*), disse que compreendia minha curiosidade, *monsieur*, embora fosse, claro, muito mais sadio para o espírito não remexer tanto essas coisas, mas que não tinha, e me implorava que acreditasse, a menor noção do assunto sobre o qual a consultava,

nunca tinha ouvido alusão nenhuma, nem de Felipe nem de ninguém, a propósito, e achava, por esse motivo, que minhas suspeitas, meus ciúmes, para usar a palavra certa!, careciam de todo fundamento.

− Por favor, *madame* – eu disse, sabendo que perdia o rumo, que me extraviava ainda mais, que naufragava no mais completo ridículo −, a senhora não me presta o menor serviço, não me ajuda em absoluto ao me contar mentiras piedosas.

Madame Léotard, diante disso, com boas maneiras, mas com inapelável determinação, havia se posto de pé. Fechara a janela de cortinas generosas com seu peito amplo, com seus ombros e braços de cariátide grega. Tinha, disse, *monsieur* (havia tirado o *docteur* e não falemos do *cher docteur*), que se aprontar para sair. Sentia muito, mas era esperada para jogar bridge na casa de amigos.

− É uma pena – acrescentou, porém, como se tivesse mudado de ideia no último minuto –, e me perdoe que diga isto de um jeito tão pessoal, tão brusco, se quiser, que sua bonita e antiga amizade com Felipe Díaz tenha sido empanada por essas suspeitas, suspeitas que na minha opinião, e volto a ser muito franca com o senhor, de uma franqueza brutal, talvez, e peço uma vez mais que me perdoe, que são, repito, injustas com a memória de Felipe e também, claro está, com sua própria esposa, com o senhor mesmo! O ciúme, *mon cher docteur* – terminou, menos severa, inclusive com uma pitada de picardia, movendo seu poderoso busto de um jeito que me pareceu sedutor, provocador, talvez −, o ciúme é uma paixão extremamente nociva, que nos faz ver fantasmas por todo lado, e o senhor (*a vôtre age, voyons!*) devia saber superar isso. *Allez!* – acrescentou. – *Courage!* − E me empurrou com extrema suavidade, mas com inapelável firmeza, em direção à porta da rua. Eu estava vermelho, trêmulo, me ardia a pele, e tive a sensação de que as hortênsias de Madame Léotard, com suas corolas azuladas, opulentas, estremeciam, rindo de mim às gargalhadas.

“Que me importa!”, disse a mim mesmo, cinco minutos depois, falando sozinho como um alienado, enquanto descia a pé pelas calçadas curvas da Rue Caulaincourt. “Não volto a ver essa senhora nunca mais na porra da minha vida de merda.”

Era consolo suficiente? O episódio tinha sido, talvez, necessário, inclusive explicável, mas como era desprovido de glória, de elegância, de calma… De repente, em uma etapa tão avançada do caminho, depois dos setenta anos!, eu tinha perdido o rumo, e de que jeito. Pensei, enquanto me aproximava da Place de Clichy, que não estava muito longe da Rue Victor Massé, da casa de Benedicto Morgado, um amigo de Felipe, e de Elvira, sua mulher, Elvireta, e me ocorreu telefonar para eles. Era mais uma expressão de meu naufrágio no abismo, mas eu tinha, depois da queda do Muro de Berlim, de todas essas coisas, uma possibilidade de justificativa, já se verá por quê. Benedicto Morgado, pintor, cenógrafo, poeta, procedia em linha direta do surrealismo, do grupo dos amigos e seguidores de Vicente Huidobro, dos inimigos declarados nossos, e nós, até agora, apesar da amizade comum com Felipe, apesar de vivermos em Paris, de termos sido inimigos ativos da ditadura chilena, para não falar da derrubada generalizada do Muro e de tudo isso, mantínhamos certa distância. Nossas querelas, porém, e aqui começava a justificativa, eram coisas de um passado extinto, anacronismos completos, e alguém algum dia tinha de dar o primeiro passo. Benedicto entendeu meu telefonema como parte da emoção causada pela súbita morte de Felipe, com razão, afinal de contas, e disse que me esperavam, Elvireta e ele, de braços abertos.

− Que ideia bacana você teve, meu velho! – exclamou, e a verdade é que o “velho”, mesmo dito de forma carinhosa, não me agradou muito. Cheguei ao apartamento da Victor Massé, na rua onde viveu, em uma de suas estadias em Paris, o Mestre, Huidobro, onde recebeu, segundo contam as crônicas, Guillaume Apollinaire com a cabeça enfaixada e em companhia de uma senhora grandalhona, de pérolas no decote, e entrei numa tarde de grandes vinhos, de beijos e abraços exagerados, de recordações compulsivas de Teófilo Cid, de Braulio Arenas, do pintor Sotomayor, de Jorge Cáceres, que tinha morrido do coração em sua banheira, de Lucho Oyarzún e Eduardo Molina Ventura, gente que eu sempre, eu muito mais que Silvia, tenho de advertir, e agora, só agora, me dava conta de que o matiz podia significar mais coisas do que eu achava, tinha

considerado decadente, apodrecida, intelectuais vendidos, anticomunistas viscerais, veados ou pseudoveados, e que Benedicto Morgado, com seu entusiasmo, com sua indubitável eloquência, começava a me mostrar outra perspectiva, com outras cores e outras luzes.

− E tanto que nós brigamos! – exclamei, como quem diz, por que diabos, que falta de comunicação mais inútil e nociva, em nossa província tão pequena.

− Que enorme prazer você me deu! – repetia Benedicto de quando em quando, e acredito que falava com sinceridade, com sentimentos de amizade autênticos. – E a Silvita – perguntou duas ou três vezes –, por que não veio com você?

Embarquei, então, em outra espiral, em outro arrebatamento de loquacidade vergonhosa, dizendo que depois disso, depois de meu ataque de verborragia, de minha febre confessional, não teria mais saída senão tomar um uísque com uma overdose de comprimidos para dormir, como o desgraçado do Felipe. Contei, de fato, sem acreditar no que eu mesmo me escutava dizer, mas no tom mais afirmativo do mundo, como se estivesse sentado em minha cátedra de patologia psicossomática, que Silvita estava muito triste, porque sempre, como eles deviam saber, embora nunca o tivessem dito na minha frente, mas agora já podiam dizer, podíamos falar sem disfarces, como pessoas de fins do século XX que tinham bebido nas doutrinas mais avançadas da nossa época, no surrealismo, no marxismo-leninismo, porque a Silvita sempre, repeti, tinha sido meio apaixonada, ou apaixonada e meia, para falar a verdade, por Felipe Díaz.

− Por Felipe Díaz! – exclamou Elvira, Elvireta.

− Por Felipe Díaz! – insisti −, e não se faça de boba, de moralista comigo, Elvirucha, porque não vai adiantar nada.

Benedicto Morgado retorcia os lábios. Encolheu os ombros como um gato arrepiado. Como se a posição de sua cabeça e de seu pescoço tivesse ficado, de repente, muito incômoda. Pôs as mãos nas costas de uma cadeira de palha e disse, olhando para outro lado, com uma entonação que caberia no teatro, mas não numa conversa casual e confusa:

− Primeira vez que ouço isso.

− Não sejam bundões! – exclamei, com voz rouca. − Preciso que me digam a verdade. Toda a verdade! Do contrário, este encontro, este reencontro, esta reconciliação, como vocês queiram, não terá servido de nada. − E sublinhei

diversas vezes: de absolutamente nada!

− Eu acredito, com sinceridade − disse Elvira, venenosa, porque a verdade é que era uma víbora muito venenosa −, que você está ficando louco, Patito Illanes.

− Não é isso – interveio Benedicto, pessoa, ao contrário dela, essencialmente conciliadora. − O ciúme, Elvireta, é um sentimento corrente, natural, e se a gente não anda com muito cuidado, se deixa ele crescer descontrolado, é capaz de amargar a existência, de destruir a gente. Você, Patito, por causa da morte de Felipe, da idade, do que for, se transformou numa vítima, e tem que se curar dessa doença a qualquer custo. Do contrário, vai se foder, vai ficar louco de verdade.

Me lembrei da conversa que tinha tido pouco antes com madame Léotard, cuja filosofia parecia coincidir com a de Benedicto; prova de que a burguesia e o surrealismo eram unha e carne como afirmavam em tempos passados os chamados intelectuais do Partido? Não podia, claro, por motivo nenhum, contar minha conversa de pouco antes com madame. Aí, sim, que iam me considerar doente, gagá, de miolo mole. Sem nenhum perdão! E os méritos, a própria gratuidade da minha visita, teriam se depreciado.

− E para encerrar, Pato – disse Elvira, que tinha ficado pensativa −, para encerrar, se a Silvita em algum momento de fraqueza, de solidão, de abandono tivesse tirado uma casquinha com Felipe, por causa disso você ia destruir trinta anos de convivência harmoniosa, de felicidade conjugal, e a essa altura, com seus setenta e tantos anos? Faça-me o favor!

− Ah! – Dei um salto, e a pura verdade é que dei um salto, me lembrei dos tempos em que fui reserva de ponta de lança na seleção nacional de futebol, tempos em que eu conciliava o esporte *amateur* daquela época com os estudos de medicina, antes de conhecer Silvia, claro, que foi minha aluna muito mais tarde. – Finalmente! Está começando a me contar a verdade!

− Que velho mais idiota! – Elvira exclamou, enfurecida, esgrimindo uma garrafa de vinho tinto que tínhamos consumido inteira. – Devia quebrar esta garrafa na sua cabeça!

− Não seja chata, Elvira – pediu Benedicto. – Eu adorei que Patricio tenha vindo nos visitar e que nos fale com confiança, como se fala com amigos verdadeiros, que nos conte todos os seus problemas, até os mais íntimos… Achei

fantástico, formidável! Sinto que a vida, de repente, mudou, e que vai mudar para melhor.

− Está muito bem – interrompi –, mas não preciso que me falem da vida. Preciso que me falem das relações entre Silvia e Felipe Díaz, e ninguém me entende. Ninguém quer me entender. E se não me falam disso – afirmei com energia, abandonando todo o resto de pudor – não só vou ficar louco como vou arrebentar, vou morrer.

− Velho idiota! – repetiu Elvira, que tinha, pelo visto, assumido uma veia agressiva, e acrescentou que ia telefonar para Silvia para que ela viesse correndo me buscar. Senão, resmungou, de muito mau humor, eu era capaz de ficar enchendo os dois a noite inteira.

− Tem razão, Elvirucha – respondi, consternado, com os olhos úmidos, e Benedicto pôs uma mão suave nos meus ombros, me deu uns tapinhas de leve na cabeça. Tinha uma sensibilidade delicada, o pobre Benedicto, com quem eu tinha passado metade da vida a brigar, e por questões puramente ideológicas, imaginem só!, enquanto Elvireta, sua mulher, tinha a delicadeza de um javali furioso…

− Não ligue para ela – ele me sussurrou no ouvido –, com o vinho ela fica desagradável. Mas se quer que eu diga uma coisa, Patito… se adianta alguma coisa. Se por acaso vai te ajudar! Elvira, que ainda é uma mulher bonita, está livre das amarras convencionais. Quer dizer, você me entende: ela tem o direito de ir para cama com quem bem quiser… Entendeu?

− E esse direito – murmurei, abalado até a medula – ela exerce?

Benedicto Morgado passeava pela sala pequena, lotada de livros e revistas surrealistas, de trepadeiras, de quadros de Sotomayor, morros cubistas de Valparaíso, peixes monstruosos, e outros que deduzi fossem seus, caravanas de personagens famélicos vistos de muito longe, além de desenhos a tinta de Jorge Cáceres, chuvas de plumas, frutas que pareciam sexos femininos. De repente, ele se pôs de cócoras e me olhou nos olhos, com seus olhos azuis, cândidos, injetados de sangue.

− Quer que eu te diga uma coisa, meu velho Patito? Ela exerceu esse direito no passado muitas vezes, todas as vezes que quis. E ainda, de vez em quando, exerce. Só que agora, ao contrário de antes, não gosta de me contar nada, coisa que me incomoda uma monstruosidade, que me desespera inclusive. Por que

inventar histórias?

− E o que você acha da Silvia, da Silvia com o Felipe, ou com qualquer outro? – perguntei, e agora era eu quem o olhava, com um feroz nó na garganta.

− Não sabemos nem uma só palavra da Silvia, nem com o Felipe nem com ninguém, e não acreditamos que tenha acontecido nada. Juro pela minha mãe! – E beijou os dedos, em um gesto muito pouco vanguardista. – Mas se tivesse acontecido isso, ela estaria em seu pleno direito, na condição de ser humano, de mulher emancipada. Entende?

− É que vocês – eu disse, e o disse contendo o choro, comprovando que na última e decisiva semana eu tinha ficado mole como uma geleia, chorão, surrealistas, sempre foram assim, uns perfeitos anarquistoides, com algo, ou muito, de libertinos.

− Libertários! Não libertinos. E vocês, além do mais, nos primeiros anos eram iguais, até que chegou Lênin, que era, bem lá no fundo, um pequeno burguês…

− Lênin!

− Isso – disse Benedicto. – Lênin, um pequeno-burguês, diferente de Bakunin, de Rosa Luxemburgo, e que impôs, por isso, uma disciplina repressiva, com a ideia de que assim salvava a Revolução, quando na realidade a fodia para sempre, e depois de Lênin veio o camarada Stálin, o Paizinho dos Pobres, e aí sim que cagaram tudo, porque o Paizinho arrasou todos, castrou, encheu de cárceres mentais e outros.

− A KGB – murmurei, pensando em minhas leituras recentes.

− Vocês todos eram colaboradores da KGB – disse Benedicto, inspirado –, uns recrutados e outros não, uns conscientes e outros que não se davam conta. E a desestalinização nunca chegou muito longe. Você sabe disso melhor do que eu. Por isso o Muro de Berlim caiu e vocês, os da velha guarda, continuam cagados!

Fiquei de boca aberta, acho que babando um pouco, com o olhar perdido na escuridão. Benedicto abriu outra garrafa do mesmo vinho tinto, um Pinot Noir de 94 bem bebível. Encheu meu copo, e bebi inteiro, sem parar, apesar de me causar repugnância o fato de beber vinho tinto sem comida. Ele estava parado na minha frente. Eu, com grande esforço, soltei um peido, coisa que nos fez dar risada, e me pus de pé. Abri os braços e nos abraçamos, cambaleantes, emocionados, bebadíssimos.

− Velhos veados! – disse Elvireta, detalhe que curiosamente me lembrou Silvia, e acrescentou que Silvia estava ao telefone, sem poder acreditar que eu estivesse naquela casa, conversando com eles como bons amigos. Eu precisava ir ao telefone para provar.

Me arrastei até o quarto, peguei o telefone que estava jogado no meio da cama de casal e disse, de supetão, sem o menor preâmbulo, como no pior dos boleros:

− Silvia! Meu amor! Minha vida! Por que você me traiu? Eu te amo com loucura! Te adoro!

− Na casa de Benedicto Morgado – ela declarou –, um lugar em que você tinha jurado nunca mais pisar, e bêbado como um bode, você, que não tocava em álcool! Paris vai sofrer um terremoto de grau nove!

Em seguida ela disse que estava saindo imediatamente para me buscar, e terminou, em mau francês: *vieux crapule!*, velho crápula!, quando devia ter dito, talvez, velha crápula, em francês e em castelhano, porque a crápula era a bebedeira, antes de ser o bêbado e, portanto, era substantivo e feminino.

Me telefonou, para minha grande surpresa, a harpia da Elvireta Morgado, e me disse que Patricio estava na casa dela, que eu por favor fosse buscá-lo. De início, não pude acreditar. Pensei que podia ser uma brincadeira dela, aquela amargurada. Diz a ele para vir ao telefone, pedi. E quando ele veio, descobri, preocupada, porque faz dias que estou preocupada com esse assunto, que tinha bebido com os Morgado, que são uma dupla de bêbados, e que tinha enchido a cara, completamente embriagado. Ele não conseguiu assimilar o golpe do suicídio de Felipe, coitado, pensei, e isso, na idade dele, podia ser grave. Porque ele estava ótimo, com seus setenta e tantos anos bem vividos, se encaminhando para uns oitenta tranquilos, e a história de Felipe, a decisão de Felipe, foi um acidente que ninguém tinha previsto. O que será de mim se acontece alguma coisa, se no espaço de umas poucas semanas perco Patricio, depois de ter perdido o louco do Felipe? Me imagino enterrada em Iquique, com minha irmã: duas velhas solitárias, pobretonas, corocas, vivendo de recordações, das minhas recordações, já que Estrella, minha irmã, nem sequer lembranças terá. Entre os arredores da Gare Montparnasse, onde moramos agora, e a Calle Arturo Prat, em Iquique, existe um abismo!

Digo sempre que o golpe militar, de certa forma, nos abriu os olhos. Os homens nunca dizem essas coisas, e menos ainda quando são políticos ou politiqueiros, como são todos os chilenos, sem exceção, os que permanecem no país e os que partiram para o exílio, mas as mulheres, sim, podem dizer isso. O golpe nos fez conhecer o mundo à força. E não podemos mais voltar, nem a Iquique nem a parte alguma. Já não há volta; a volta, agora, é uma antecipação da morte.

Me custou muito tirar Patricio do apartamento da Rue Victor Massé. Esse homem tão correto, tão equilibrado, tão pé no chão, o professor de medicina impecável que eu tinha conhecido e que me seduzira em meus anos de estudante, o quarentão atlético, mistura de intelectual e esportista, o cinquentão pintoso, um dos cabeças do exílio chileno, estava transformado em um niilista de olhar perdido, boca entreaberta, babando, de pronúncia pastosa e pernas moles, meio gagá, com a cara cheia de vinho barato. Benedicto Morgado, cambaleante, com cara de sátiro idiotizado, propunha, o débil mental, que fôssemos para a cama os quatro juntos, e tive a intuição repentina de que Elvireta, da sua altura de mulher sólida, bem plantada, de voz rouca, dada a dizer palavrões, me olhava com olhos

libidinosos. Que medo! Consegui tirar de lá aos empurrões o esponja do Patricio e na rua, no silêncio, numa brisa fresca, respirei com alívio profundo.

− O que acontece, Silvita – disse ele, puxando a voz com dificuldade −, é que eu não queria te dizer nem uma palavra, e agora, ao contrário, cheguei à conclusão de que preciso falar com você.

Parou no meio da rua, tinha arrumado o cabelo, passado um lenço no rosto suado, e dava a impressão de estar bem mais sóbrio na rua do que no apartamento de Benedicto. “Ele ainda está bem”, pensei, “ainda funciona”, e me propus a cuidar dele, voltar a endireitá-lo a qualquer custo, dar-lhe gosto pelas coisas que convinham a ele e convinham a mim.

– Falar de quê?

– De muitas coisas, e de uma coisa muito concreta, muito importante para mim, e que só você, só você, como vai entender agora mesmo, Silvita, pode me esclarecer.

Nesse momento encontramos um táxi e entramos. Tive que empurrá-lo um pouco, cuidar que não batesse a cabeça, e depois de dar o endereço ao taxista, ele olhou para mim e colocou o indicador nos lábios com certa solenidade, enquanto me acariciava as mãos e as coxas com a mão esquerda, ainda firme e forte. Podia-se pensar que era uma solenidade de bêbado, mas dava para notar que alguma razão profunda o tinha deixado sóbrio. A embriaguez, a verdadeira embriaguez, havia ficado esquecida naquela sala apertada, de paredes sobrecarregadas, entre aqueles marionetes que se debatiam como cegos, falantes, insistentes.

Aproximou a boca de meu ouvido e murmurou, em voz baixa:

– Estou profundamente comovido, Silvita. Comovido até o fundo mais fundo do meu coração. Não sei nem se vou conseguir explicar para você de um jeito convincente. Quem sabe você vai pensar mal de mim. Quem sabe vai me odiar, ou vai achar que me transformei de uma vez e para sempre em um idiota de merda. Quem sabe.

Quando atravessamos a toda a velocidade a Pont de l’Alma, as primeiras luzes do amanhecer do domingo despontavam por trás das sombras das árvores, dos telhados dos prédios, da trama da torre Eiffel.

– Paris! – Patricio exclamou com emoção de estrangeiro, de sul-americano decadente, e o velho taxista, levantando uma mão, rindo, repetiu:

– *Toujours Paris!*

Chegamos a nosso apartamento, no décimo andar, na frente do grande espaço aberto que rodeia a estação e a torre de Montparnasse, e Patricio me pediu para lhe fazer um café. Depois que tomou o primeiro gole, e agora, sim, estava em um estado de sobriedade completa, soltou o verbo. Me disse que estava convencido, arquiconvencido, de que eu tinha sido amante de Felipe Díaz. Tinha feito uma investigação minuciosa, tinha conversado, me contou (e pensei que exagerava, que blefava, para ver se eu contava tudo), com dezenas de pessoas, com madame Léotard, com o garçom do Dôme, com Abelardo Manzano, o Gordo, com Alfredo Arias, o que terá pensado, como deve ter dado risada por dentro!, com Benedicto Morgado e Elvireta, que diabos podiam saber, essa dupla de imaturos, com amigas de Felipe, com seus companheiros de trabalho, "e além disso, confesso, porque estou transtornado pela curiosidade, pela angústia, revistei o apartamento dele milímetro por milímetro e encontrei documentos de um valor comprobatório irrefutável, pelo menos para uma pessoa que conhecia de trás para a frente a psicologia de Felipe: uma foto sua três por quatro guardada entre as fotografias das amantes dele, além de um nu, com o rosto debaixo dos lençóis, coberto, mas as coxas, a barriguinha, a xoxota", sussurrou, "se parecem terrivelmente", disse, com a voz tomada de emoção, "com as suas, com a sua xoxota…"

– O quê?! – gritei, perdendo o controle durante uma fração de segundo.

– Isso mesmo, Silvita. Você sabe que Felipe, à sua maneira, era um colecionador e era fetichista, e essa foto sua (tirou-a do bolso, levantou-a para que recebesse a luz da janela), que estava depois da fotografia do nu anônimo, idêntico ao nu da pintura de Courbet, foi, para mim, o que você quer, a prova conclusiva!

– Eu acho, Patricio – respondi, recuperando devagar a calma –, e digo com franca preocupação, com ansiedade, com todo o meu carinho, que depois do suicídio de Felipe Díaz você está doente, seriamente doente.

– Concordo, Silvita! Estou doente, estou a ponto de arrebentar, e a única pessoa que pode me curar é você. Minha saúde, minha possibilidade de salvação, mental e física, estão em suas mãos.

– Como? – perguntei, apesar de já saber que não tinha nenhuma necessidade de perguntar.

– Me conte tudo – ele pediu, com expressão de súplica, com os olhos vermelhos, úmidos. – Me conte tudo, e com a maior riqueza de detalhes possível. Porque se outros me contarem, ou se eu deduzo de infinitos indícios, continuo doente, envenenado, asfixiado. Preciso que me conte você, ouvir de sua própria boca. Preciso saber, por exemplo, e urgentemente!, se o nu da outra foto é você, e quantas vezes você fez amor com Felipe e de que forma. Me entenda, por favor!

Compreendi que estava encurralada, que tinha caído numa armadilha, e tive, nesse instante, uma ideia. Para ganhar um pouco de tempo. Como um boxeador que se encontra de repente em um ringue, diante de um adversário muito mais forte, e consegue no primeiro segundo desferir-lhe uma direita na mandíbula. Confesso que tenho o costume vergonhoso, entre outros, de assistir a lutas de boxe na televisão. Desferi, então, meu golpe de direita. Perguntei se ele não se lembrava mais de Nathalie Jarre, a enfermeira que tinha sido sua ajudante quando chegamos do Chile para ele fazer um stage, um período de prática, no hospital de La Salpêtrière.

– Na verdade isso tinha se apagado da minha cabeça – ele disse, mas adivinhei em seus olhos que o golpe, a pergunta inesperada, o tinha balançado.

– Ah! – exclamei – Que beleza! Vou pedir agora mesmo minhas passagens para a Conferência das Mulheres em Pequim. O senhor doutor pode se divertir com as enfermeiras, apalpar, beijar, ir para a cama com elas nos momentos livres e depois apagar da cabeça, numa boa, e se uma mulher, para descontar, para se consolar, chegasse a ter um pequeno deslize, levaria o estigma de puta, de mulher adúltera, a vida toda!

– E o seu pequeno deslize você teve com Felipe, claro.

– E com quem poderia ter, Patito? Se é que tive! Com o vendedor da esquina? Felipe era o homem mais à mão, e estava sempre disposto, sempre pronto! Uma grande comodidade, não acha?

Patricio mergulhou a cabeça nas mãos. Ficou assim um longo tempo, calado, afundado. Fazia cerca de trinta anos que estávamos juntos e eu nunca tinha desconfiado que fosse tão ciumento. Que fosse tão obcecado por mim. Passei a mão em sua cabeça, com suavidade, pensando nele, e pensando também em Felipe. Se eu tivesse sido sua amante fixa, única, teria sido melhor, talvez, para todos: para Patricio, porque eu teria me esmerado em ser uma esposa excelente,

e teria tido tantas coisas para contar!, e para mim, porque tinha me apaixonado perdidamente, por que mentir?, e até para Felipe, que não teria ficado tão só, afinal, tão mal acompanhado e tão sozinho, e não teria tido necessidade de tomar aqueles comprimidos. Talvez ninguém desconfie o que é o amor, o que seja um casal, o que seja um par desparceirado.

Quando fomos para a cama já era dia claro. Prendi as cortinas com um alfinete de gancho e o quarto ficou mais ou menos escuro. O ruído da rua incomodava, mas as janelas e cortinas fechadas conseguiam amortecê-lo.

– Quero fazer só uma pergunta por enquanto, Silvita – disse Patricio, no escuro, com a voz enrouquecida, diferente. – Como as perguntas das confissões dos colégios de padres da minha infância. Quantas vezes?

– Quantas vezes?

– É. Quantas vezes?

– Quatro ou cinco vezes.

– Quatro ou cinco?

– Acho que foram cinco, não mais que cinco, em todo caso, se é que foram!, mas que importância tem isso agora? Que interrogatório mais absurdo! Você devia se envergonhar!

– Cinco noites?

– Cinco tardes – respondi, não sei por quê, talvez por humor negro, para provocar, porque a atmosfera da casa de Benedicto e Elvireta tinha me contaminado.

– Cinco sestazinhas!

– Patito…

Acariciei-lhe a testa. Estava agitado no escuro do quarto, e consegui ver que tinha um sorriso amargo, sarcástico.

– Eu te amo muito, Patito, e você sabe disso…

– E eu também, Silvita, por isso me dói pra cacete. Sinto vontade de uivar!

– Pois uive. Uive. Como já está de dia, os vizinhos não podem reclamar.

– Vão pensar que você voltou, depois de uma farra desaforada, com um orangotango do zoológico.

– Que me importa!

Patricio se levantou, com seu corpo martirizado pela idade, por algumas dobras de gordura em torno da cintura, pela coluna curva, mas que conservava

restos, traços de seu antigo vigor; abriu as cortinas e a janela e lançou, contra o ar quente e ruidoso, um uivo fenomenal, respondido pelos latidos histéricos dos pequineses da senhora do nono andar.

Voltou para a cama e me perguntou, sonolento, se eu tinha pensado como devia ter sido boa a última orgia de Felipe.

– Que última orgia?

– Pense um pouco – ele disse. Felipe não tinha economizado no uísque da melhor qualidade, o Johnny Walker *black label*, seu predileto, nem sequer havia economizado nas borbulhas da água Perrier, porque não gostava de água, mas adorava as borbulhas. Você mesma era uma borbulha – acrescentou, e eu lhe disse que não havia nenhuma necessidade de ele me insultar, e depois, tomando um comprimido atrás do outro, tinha se desvanecido em um orgasmo eterno, nos braços da morte, nada menos!, da Parca.

– Que luxo! Não acha?

– Descanse, Patito – eu disse, acariciando, beijando sua cabeça.

– Acho que eu posso durar um pouco mais – disse. – Porque Felipe Díaz, entre a paz do lar, a felicidade doméstica nos braços da filósofa e a orgia do suicídio com *black label*, com rótulos fúnebres!, e com comprimidos que dissolviam sua consciência, preferiu o suicídio, e eu, ao contrário, poderia ser perfeitamente feliz com você, sem necessidade de álcool, de comprimidos, de porcarias, mas desde que, isso sim, desde que você me contasse tudo. Entende? Tudo! Porque se você não me conta tudo, eu arrebento, vou mesmo à merda…

– Vou te contar tudo – eu disse –, que na realidade não é nada, para que você fique tranquilo. Mas amanhã, ou hoje à tarde. Agora você precisa dormir.

Acariciei-o por baixo dos lençóis, pensando que contar as coisas era um jogo, uma invenção curiosa, e que contar tudo, toda a verdade, o episódio de Alfredo, por exemplo, era impossível, e notei, de repente, com surpresa, que ele estava com uma ereção como as de seus anos maduros, distantes, apesar de estar semiadormecido. Me pareceu a prova de que seu transtorno, sua súbita demência, não era nenhuma brincadeira. Ele suspirou, murmurou frases desconexas e depois, já mais desperto, pegou a foto maior, a que se parecia com o quadro.

– Parece muito com você – murmurou, com uma voz que tinha se enrolado no fundo da garganta.

Não respondi nada. Ele ou me mataria ou me estrangularia, porque ainda tem muita força, ou se salvaria e nos salvávamos todos.

– Não quer ficar na mesma posição da mulher da foto?

Não respondi nada também. Ele, então, levantou os lençóis, que mal se podia suportar por causa do calor, e cobriu o meu rosto. Depois separou minha perna esquerda. Olhou para mim, acho, porque eu não o via, durante algum tempo, e provavelmente me comparou com a foto.

– É você – sussurrou, subindo em cima de mim, me penetrando, sem deixar que tirasse o lençol do rosto.

– Sim – eu disse. – Sou eu.

– E como? – perguntou, sufocado. – Ele conhecia o quadro?

– Acho que sim – suspirei.

– E quando fez a foto?

– Não me lembro mais.

– Como não lembra?!

Me perguntou, então, se era bom com Felipe.

– É bom com ele? – voltou a perguntar, como se Felipe estivesse vivo.

Eu disse que sim.

– Sim – eu disse.

– Melhor que comigo?

– Acho que não – respondi. – Não sei.

– Mas de qualquer forma é bom, era bom?

Voltei a dizer que sim, tirando o lençol do rosto e olhando nos olhos dele. Ele estava em um estado de exaltação furiosa, com as pupilas dilatadas, e acho que eu não lhe fazia mal.

– Sim – respondi mais uma vez, sem a menor necessidade, e acrescentei, com voz sibilante, extasiada, um advérbio perverso, quase uma vergonha: – Brutalmente bom.

Me perguntou se eu tinha orgasmos com Felipe e respondi que sim, claro.

– Intensos?

– Intensos – sussurrei, transtornada, no escuro, massageando-lhe a nuca com os dedos, e senti que ele se esvaziava em um orgasmo prolongado, intenso, como os de seus melhores anos. Depois virou para o outro lado na cama, para o lado escuro, dizendo frases desconexas, grunhindo, fazendo ruído com os lábios e até

com os dentes, e logo roncava, enquanto eu, no escuro, mantinha os olhos arregalados.

Embora fosse domingo, havia trens que partiam para as províncias, e os ruídos da manhã começavam. Estive apaixonada como louca por Felipe, repetia a mim mesma, quase com assombro, mas ninguém soube, nem o doutor nem ninguém e, claro, nem o próprio Felipe, que passava por cima dessas coisas e nem percebia, o desgraçado! E o doutor, Patito, eu amo profundamente, tenho por ele um carinho cada dia maior. Oxalá viva muitos anos mais. Acredito, porém, que sofreu um golpe muito forte com a morte de Felipe e com todas essas histórias, com essas obsessões estranhas que se meteram na sua cabeça, e tenho medo, a verdade é que tenho muito medo! Não sei se tomei um caminho equivocado, e se vou destruir tudo. Por outro lado, penso que a fantasia de Patito é perigo, veneno, doença da cabeça, e que ao mesmo tempo é vida. De outro modo, de onde tiraria tanta energia? Talvez a tenha tirado de Felipe, sugado dele, e depois de tirá-la deixou-o jogado à beira da estrada, sem nada, como um bagaço, morto. Lutou contra seu fantasma, na sombra, contra o anjo funesto, e por fim, depois de tantas voltas e revoltas, o venceu!

Calafell, Paris, julho de 1995 – maio de 1996.



A ORIGEM DO MUNDO

Mario Vargas Llosa

Desde que, em 1973, em *Persona non grata* – livro de memórias sobre sua traumática experiência como diplomata enviado a Cuba pelo governo de Salvador Allende, para reabrir a embaixada chilena em Havana –, Jorge Edwards se atreveu a criticar com severidade o regime de Fidel Castro, o escritor passou a ser vítima da inquisição intelectual da esquerda, que, desde então, deu um jeito de negar-lhe a admiração, sem falar nos elogios e nos prêmios que sua obra literária merecia na América Latina e na Espanha, caso Edwards tivesse sido um intelectual mais "progressista", ou seja, menos independente e menos livre.

Nem o fato de ter sido expulso do corpo diplomático pelo regime de Pinochet, nem sua militância contra a ditadura chilena, a favor da democratização de seu país, conseguiram eliminar esta quarentena literária que cerceou a difusão e deixou rodeada de reticências e mesquinhez uma obra pessoal e diversa, de contista, romancista e ensaísta, que cedo ou tarde deverá ser aceita como o que na verdade é: uma das mais valiosas e coerentes produzidas durante esses anos em língua espanhola. Agora existe uma razão a mais para fazer-lhe justiça: a publicação de *A origem do mundo*, uma história que, sob a enganosa aparência de leve diversão, é na realidade uma complexa alegoria do fracasso, da perda das ilusões políticas, do demônio do sexo e da ficção como complemento indispensável da vida.

De todas as histórias que Edwards escreveu, essa é a que eu mais gostei, a mais divertida e inesperada, a de construção mais astuta e, também, a que melhor representa essa sua personalidade de cavalheiro à primeira vista tão formal, tão anglófilo, tão elegante e sério, e que, no entanto, sempre leva consigo, oculto em seu extremo oposto, um espírito desalinhado e incorrigível, capaz de todas as loucuras que, de tempos em tempos, ele tira da jaula e exibe como demonstração prática daquela asserção segundo a qual as pessoas não são nunca o que parecem.

Quando eu o conheci, no começo dos anos 60, em Paris, Jorge Edwards era um jovem tímido, educadíssimo e tão janotinha – um *pije*, como dizem os chilenos – que dava a impressão de manter o paletó e a gravata até no banheiro e na cama. Era preciso se aproximar muito dele para fazê-lo falar e para descobrir

o tanto que tinha lido, o seu bom humor, a sutileza de sua inteligência e sua incomensurável paixão pela literatura. No entanto, quando menos se esperava, no lugar menos visível e com a ajuda do uísque, ele subia numa mesa e interpretava uma dança hindu inventada por ele mesmo, elaboradíssima e frenética, balançando de uma vez só as mãos, os pés, os olhos, as orelhas, o nariz e, tenho certeza, outras coisas mais. Depois, não se lembrava de nada. Pablo Neruda, que gostava muito dele e previa seu grande futuro literário, jurava que, uma vez, tinha entrado numa boate mal-afamada de Valparaíso e que, petrificado pela surpresa, descobriu Jorge Edwards, o ex-aluno de colégio jesuíta, o jovem modelo, fazendo o quê? Pendurado numa sacada insuflando assim o público: "Chega de hipocrisia! Vamos todos tirar a roupa!". Ele nega, mas eu coloco minha mão no fogo de que ele foi capaz de fazer isso, e é capaz de espetáculos ainda mais excessivos.

Essas anedotas me seguiram como uma sombra enquanto eu lia as aventuras e desventuras do doutor Patricio Illanes, Patito, o médico setentão, protagonista de *A origem do mundo*, que entre os chilenos exilados em Paris, estimulado por um ciúme retroativo, trata de averiguar se sua jovem mulher, Silvia, foi amante de Felipe Díaz, amigo, companheiro de desterro, alcoólatra e Don Juan, cujo suicídio – esplendidamente descrito, diga-se de passagem – inaugura a história e cria a circunstância propícia para desatar as suspeitas matrimoniais do médico. O doutor Illanes é um homem contraditório, como todos os seres humanos, claro, e o romance mostra isso de maneira vívida nessa investigação disparatada e patética na qual o médico, ao mesmo tempo em que se torna ridículo e se desintegra moralmente, vai revelando, como numa radiografia, seus fantasmas, medos e complexos.

Mas o grande acerto do romance é que, no fim, o que o leitor na verdade descobre, graças à neurótica jornada de Patito Illanes em posse de um fogo-fátuo, de uma fantasmagoria sem pé nem cabeça – os supostos chifres que colocaram nele sua esposa e Felipe –, é algo mais comum e menos deprimente que a peripécia tragicômica de um velhaco: sem o adereço desses enganos, dessas fantasias, o amor definharia, se atrofiaria o desejo, e a vida seria menos intensa e menos humana, uma rotina empobrecedora e animalizada. Presa dessa obsessiva ficção, o doutor Illanes sofre e se cobre de ridículo, sim; mas também tem sua recompensa: revive o amor-paixão de seus anos maduros, redescobre o

milagre do prazer e seu sexo adormecido se reanima nesse maravilhoso e surpreendente final, o ponto fulcral da história, em que vemos o médico ressuscitar carnalmente e fazer amor com sua mulher como um rapaz apaixonado.

O tom amável, zombeteiro, divertido, o humor que tempera todos os episódios do romance, é enganoso, pois parece indicar que *A origem do mundo* é uma farsa elementar e amena. Na realidade, nela percorrem uma poderosa carga erótica e uma preocupação clássica: para que servem as ficções? Sua anedota cômica é uma metáfora daqueles "fantasmas de carne e osso" dos quais está feita a vida do desejo, e que Jorge Edwards já explorou num livro de contos. Tudo isso está aludido no título do romance, que se remete a um célebre quadro de Gustave Courbet, de 1866, encomendado por um luxurioso bei da Turquia e que, com sua provocativa imagem – a vulva de uma bela mulher com o rosto coberto por um lençol –, ao que parece também inflamou a casa de Jacques Lacan, antes de ser exibido ao grande público no Musée d'Orsay, já sem escandalizar ninguém nesses tempos permissivos. Esse quadro, que, como vimos, desassossega a memória do doutor Illanes, é o dispositivo que dispara seu ciúme, quando ele descobre, na casa do amigo suicida, uma foto de uma mulher em pose idêntica à do óleo de Courbet, na qual acredita reconhecer o corpo da sua própria mulher. No fim, entendemos que o sensível Patito não descobre nem associa nada; ele inventa tudo para preencher-se de emoções e sentimentos e para viver outra vez. Porque sofrer, atormentar-se, é também uma forma – heroica – de resistir à velhice, de opor uma ilusão de vida ao implacável avanço da morte.

A decadência que ameaça o médico não apenas está determinada pela cronologia, pelo passar dos anos que o aproximam da morte. Tem a ver também com um sentimento de fracasso vital. Foi o que levou seu amigo Felipe Díaz a se afundar nas areias movediças da bebida, a ficar zonzo nessa incessante maré de conquistas femininas e, por fim, quando nada disso era mais suficiente para dissimular sua irreversível ruína, a suicidar-se. É a velhice, sem dúvida, mas sobretudo são as ilusões perdidas, as velhas lutas e sonhos políticos que animaram suas vidas, que os arrancaram de seu país, o Chile, os atiraram ao exílio de Paris, e que, agora, em vez de justificar suas existências, parecem aboli-las. Eles não se saíram mal, apesar de tudo. Sobreviveram, encontraram

trabalho, e estão num mundo onde as coisas que amam – as ideias, os livros, as artes – proliferam. Mas, a despeito de tudo, vivem como se estivessem num limbo e se sentem sobreviventes de si mesmos. Trata-se de ex-comunistas que acreditavam num ideal, ao qual sacrificaram seus melhores anos. Organizaram suas vidas em função disso e por ele padeceram e resistiram à adversidade. Agora esse ideal foi destruído e os deixou imobilizados, feito mortos em vida, sem saber no que acreditar nem se ainda é possível acreditar em algo. A história não foi generosa com eles: lhes virou a cara e os esqueceu. Felipe Díaz não conseguiu aguentar e se matou.

Mas Patricio Illanes é capaz de se reconverter, de transmutar-se em outro ser, mediante um estratagema – muito egoísta, sem dúvida – que está na raiz mesma da literatura e das artes: a ficção. Não a ficção do passado, a ideológica, a da sociedade ideal, a do mundo salvo pela ação proletária; não, uma ficção pequenininha, privada, individualista até não poder mais, mas também intensa e feita com o melhor e o pior de suas entranhas: a do amor-paixão. O ciúme, a fantasia que o atiça devolve a seus dias uma excitação e uma razão de ser que ele acreditava estarem extintas, e sobretudo reaviva e enriquece sua relação com Silvia. Graças a esse minidrama, Patito rejuvenesce, vive de novo. E é isso que sua mulher compreende, a narradora do último capítulo que, com ironia e benevolência, ao mesmo tempo que se resigna a encarnar o papel que lhe foi destinado nessa representação forjada pelo doutor, percebe com lucidez os secretos mecanismos que lhe dão vida, e absolve seu marido. Nós, os leitores, também: o doutor Illanes, palhaço e paranoico, termina por se impor diante de nós como uma figura simpática, quase heroica, pois é capaz de traçar um destino próprio, diferente daquele que as circunstâncias lhe querem impor.

No fim todos ganham, e o que parecia uma simples farsa resulta numa deliciosa fábula sobre os malefícios da ficção para a vida.

Publicado originalmente por El país,
em 22 de setembro de 1996.

* “Curar-se em saúde”, em português. Equivale a “prevenir-se”. [N. T.]

SOBRE O AUTOR

Jorge Edwards nasceu em Santiago do Chile, em 1931. Procedente da alta burguesia chilena, quando jovem frequentou o colégio jesuíta. Formou-se em direito na Universidade do Chile e enveredou pela vida diplomática. Em paralelo, desenvolveu uma das mais respeitadas carreiras literárias em língua espanhola – em 1999, conquistou o Prêmio Cervantes.

Ao lado de José Donoso (1924-96), Edwards é um dos ícones da chamada Geração de 50 chilena, que buscava enfrentar os problemas do homem contemporâneo a partir de novas propostas narrativas e da experiência urbana, o que abre uma forte tensão com a temática mais rural no país.

Estreou com o livro de contos *El patio,* de 1952, seguido por *Gente de la ciudad* (contos, 1961), *El peso de la noche* (romance, 1964), *Las máscaras* (contos, 1967) e *Temas y variaciones* (contos, 1969).

Em 1973, depois da mal sucedida passagem por Cuba como diplomata do governo de Salvador Allende, publica *Persona non grata,* livro de memórias que faz duras críticas ao sistema político de Fidel Castro, por quem foi proibido de pisar na ilha novamente. Na mesma época, Edwards se coloca contra o golpe militar dado por Augusto Pinochet no Chile. *Persona non grata* acaba sendo proibido em ambos os países.

Sua extensa produção tem continuidade com *Los convidados de piedra* (romance, 1978), *El museo de cera* (romance, 1981), *La mujer imaginaria* (romance, 1985), *El anfitrión* (romance, 1987), *Fantasmas de carne y hueso* (contos, 1992), este *A origem do mundo* (romance, 1996), *El sueño de la historia* (romance, 2000), *El inútil de la familia* (romance, 2004) e *La casa de Dostoievsky* (romance, 2008). Escreveu, ainda, *Adiós poeta* (1990), uma memória pessoal do amigo Pablo Neruda, além dos volumes de ensaios *Desde la cola del dragón* (1977), *Mito, historia y novela* (1980) e *El whisky de los poetas* (1994).

Após um período na França e na Espanha, Jorge Edwards volta ao Chile em 1978 e, ainda sob a censura política de Pinochet, funda o Comitê de Defesa da Liberdade de Expressão. Durante o período democrático, foi nomeado

embaixador na Unesco. Em 2010, foi designado embaixador em Paris pelo governo de Sebastián Piñera.

Ainda pouco conhecido no Brasil, Edwards é, no entanto, admirador da literatura do país, sobretudo de Machado de Assis, sobre quem publicou um aprofundado estudo (editora Omega, 2002). Também é autor do ensaio de apresentação de *Balmaceda*, de Joaquim Nabuco, que a Cosac Naify lançou na coleção Prosa do Observatório, em 2008. No texto escrito especialmente para essa edição, Edwards aproxima dois dos fatos políticos mais marcantes da história do Chile: a eleição e a deposição sangrenta dos progressistas José Manuel Balmaceda (1840-91) e Salvador Allende (1908-73).

© Cosac Naify, 2014
Copyright © 1991 by Jorge Edwards
Publicado em acordo com a Michael Gaeb Literary Agency / Berlim

[CAPA] Marc Riboud, Praga, 1981. © Marc Riboud / Magnum Photos / Latinstock. [MIOLO] © Art Gallery / Foto de DeAgostini / Getty Images

COORDENAÇÃO EDITORIAL Livia Deorsola
PREPARAÇÃO Ciça Caropreso
TRADUÇÃO DO LATIM [EPÍGRAFES] João Angelo Oliva Neto
REVISÃO Débora Donadel e Thiago Lins
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Gabriela Castro
ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
PRODUÇÃO DE EPUB Tatiana Medeiros

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Edwards, Jorge [1931–]
A origem do mundo: Jorge Edwards
Título original: *El origen del mundo*
Tradução: José Rubens Siqueira
São Paulo: Cosac Naify, 2014

ISBN 978-85-405-0667-1

1. Ficção chilena I. Título
I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura chilena 863s

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2° andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em Fevereiro de 2014,
com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTES Greta e Valencia
SOFTWARES Adobe Indesign e Sigil



Esta obra foi publicada com uma subvenção do Ministério de Educação, Cultura e Esportes da Espanha.

Capa

A origem do mundo

Posfácio - Mario Vargas Llosa

Sobre o autor

Créditos

Redes Sociais

Colofão